

Entalei o Bridger num logar com palmeiras artificiaes onde se bebe vinho; e elle contou-me a historia que ahi vae nas minhas palavras e sob a responsabilidade d'elle.

Uma tarde, pelas trez horas, na ilha de Ratona, um garoto corria pela praia gritando, «Pajaro á vista!»

Assim fazia conhecer a agudeza do seu ouvido e a justeza da sua discriminação dos tons.

O que primeiro ouvia o apito de um vapor que se approximava, e fazia d'isso proclamação oral, acertando tambem com o nome do vapor, era um pequeno heroe em Ratona... até chegar o vapor seguinte. Porisso havia rivalidade entre a juventude descalça de Ratona, e muitos houve que cahiram victimas das buzinas de concha das chalupas que, sopradas ao de leve ao entrarem no porto, se parecem extraordinariamente com o signal de um vapor longinquo. Alguns havia que vos poderiam dizer de que vapor se tratava quando a sua chamada, aos vossos ouvidos menos habeis, vos não soaria mais alto que o suspiro do vento nos ramos dos coqueiros.

Mas o que hoje proclamava a chegada do *Pajaro* ganhara as suas honras. Ratona inclinou o ouvido, á escuta; e não tardou que se tornasse mais forte e mais proximo aquelle som prolongado, até que por fim Ratona viu, por cima da linha de palmeiras na «ponta» baixa, os dois kannos negros do vapor fruteiro avançar vagarosamente para a entrada do porto.

Deveis saber que Ratona é uma ilha umas vinte milhas ao sul de uma republica sul-americana. É um porto d'essa republica; e dorme suavemente num mar que sorri, não trabalhando nem fiando; nutrida pelos tropicos abundosos onde todas as coisas «amadurecem, cessam e cahem para a cova».

Oitocentas pessoas alli sonham a vida numa villa cercada de arvoredos que se ajusta á curva em ferradura do seu porto pequenino. São, na sua maioria, mestiços de hespanhol e indio, com umas sombras de negros de São Domingos, uma claridade de funcionarios de sangue hespanhol puro, e um leve fermento da espuma das trez ou quatro raças brancas da vanguarda. Não ha vapores que toquem em Ratona, a não ser os vapores fruteiros, que alli recolhem os inspectores de bananas a caminho da costa. Deixam jornaes de domingo, gelo, quinino, presunto e material de vaccina na ilha; e é este, pouco mais ou menos, o contacto que Ratona tem com o mundo.

O *Pajaro* parou á entrada do porto, dando balanço forte na mareta que coroava de branco as ondas para além da agua suave de dentro. Já duas embarcações da villa — uma transportando os inspectores de fructa, a outra indo buscar o que pudessem dar-lhe — estavam a meio-caminho para o vapor.

A embarcação dos inspectores foi içada para bordo com elles, e o *Pajaro* seguiu viagem para o continente com o seu carregamento de fructa.

O outro barco voltou a Ratona com uma parte do gelo dos frigoríficos do *Pajaro*, o maço de jornaes do costume, e um passageiro — Taylor Plunkett, regedor do districto de Chatham, estado de Kentucky.

Bridger, o consul dos Estados Unidos em Ratona, estava limpando a espingarda na barraea official ao pé de uma arvore de banana-pão a uns vinte passos da agua do porto. O consul occupava um logar perto do fim da procissão do seu partido politico. De alli quasi que não ouvia a musica. Os doces politicos iam para os outros. O quinhão do Bridger nos despojos — o consulado de Ratona — não era mais que uma passa, uma passa secca da repartição de «pensões de familia» do Ministerio. Mas novecentos dollars por anno era a opulencia em Ratona. Além d'isso o Bridger tinha contrahido uma paixão pela caça aos jacarés nas lagoas ao pé do consulado, e porisso não era infeliz.

Levantou a cabeça de uma demorada inspecção dos fechos da espingarda e deu com um homem largo a encher-lhe o espaço da porta. Um homem largo, de movimentos lentos, queimado do sol até quasi ao castanho de Van Dyck. Um homem de quarenta e cinco annos, vestido com decencia simples, de cabello claro e escasso, barba meio-grisalha bastante aparada, e olhos azues exprimindo doçura e simplicidade.

«É o sr. Bridger, o consul — não é?» disse o homem largo. «Indicaram-me que era aqui. É capaz de me dizer o que são aquelles cachos grandes de coisas que parecem aboboras naquellas arvores que parecem espanadores alli pela costa fóra?»

«Sente-se», disse o consul, pondo oleo novo no trapo. «Não, na outra cadeira — a de bambú não aguenta comsigo. Aquillo são côcos — côcos verdes. A casca é sempre de um verde claro antes de estarem maduros.»

«Muito obrigado», disse o outro, sentando-se com cuidado. «Não gostava de ir dizer lá na terra que eram azeitonas a não ser que tivesse a certeza. Chamo-me Plunkett. Sou o regedor do districto de Chatham, Kentucky. Tenho aqui na algibeira papeis de extradicação authorizando-me a prender um homem aqui nesta ilha. Estão assignados pelo Presidente

d'este paiz, e estão em ordem. O homem chama-se Wade Williams. Está no negocio da cultura do côco. Matou a mulher aqui ha uns dois annos. Onde é que o posso encontrar?»

O consul entortou um olho e espreitou pelo canno da espingarda abaixo.

«Aqui na ilha não ha ninguem que se chame Williams», observou.

«Não esperava que houvesse», disse Plunkett com brandura. «Logo que seja elle, qualquer nome me serve».

«Além de mim» disse Bridger, «ha só dois americanos em Ratona — Bob Reeves e Henry Morgan.»

«O homem que quero vende côcos» lembrou Plunkett.

«Vê aquella fila de coqueiros que vae até á ponta?» disse o consul, apontando com a mão em direcção á porta aberta. «Pertence ao Bob Reeves. O Henry Morgan é dono de metade das arvores do outro lado da ilha.»

«Ha um mez», disse o regedor, «o Wade Williams escreveu uma carta confidencial a alguém do districto de Chatham, dizendo-lhe onde estava e como ia andando. A carta extraviou-se; e quem a achou não a guardou. Mandaram-me á busca d'elle, e tenho os papeis. Calculo que ha de ser um dos seus homens dos côcos.»

«Tem o retrato d'elle, não?» disse Bridger. «Pode ser que seja o Reeves ou o Morgan, mas detesto a idéa. São ambos bellos rapazes, nem se encontra melhor procurando de automovel um dia inteiro».

«Não», respondeu Plunkett num tom de duvida; «não se pôde obter retrato. Eu mesmo nunca o vi. Ha só um anno que sou regedor. Mas tenho uma descripção bastante explicita. Um metro e oitenta, pouco mais ou menos; cabello e olhos escuros; nariz quasi aquilino; hombros pesados; dentes brancos e fortes, sem falhas; ri bastante, e falla muito; bebe bem mas nunca se embebeda; fita a gente nos olhos quando falla; idade, trinta e cinco annos. Qual dos seus homens é que é isto?»

O consul sorriu com amplidão.

«Olhe, sabe o que é melhor?» disse elle, depondo a espingarda e enfiando o casaco velho de alpaca preta. «O melhor é o sr. Plunkett vir commigo, e eu levo-o aos rapazes. Se me puder dizer a qual d'elles é que essa descripção calha melhor que ao outro, tem o sr. muito melhores olhos que eu.»

Bridger sahiu, guiando o regedor; seguiram pela praia dura, perto da qual se espalhavam as casitas da villa. Logo por detraz da povoação

se erguiam de repente collinas pequenas, cobertas de arvoredos. Por uma d'estas acima, seguindo uma escadaria aberta na argilla dura, conduziu o consul a Plunkett. Na mesma beira de um alto assentava uma cabana de madeira, de dois quartos, coberta de palha. Uma india estava cá fóra lavando roupa. O consul levou o regedor até á porta do quarto que dava por sobre o porto.

No quarto estavam dois homens, que iam sentar-se, em mangas de camisa, a uma mesa posta para o jantar. Em pormenor, pouco se pareciam; mas a descripção geral dada por Plunkett poderia applicar-se com justeza a qualquer d'elles. Em altura, côr do cabello, feitio do nariz, arcabouço e modos qualquer dos dois se lhe ajustava. Eram typos normaes do americano jovial, esperto, de vistas largas, que haviam gravitado um para outro no isolamento de uma terra estranha.

«Olá, Bridger!» gritaram juntos ao vêr o consul. «Vem jantar conosco!» E quando repararam em Plunkett, que o seguia, avançaram com curiosidade hospitaleira.

«Meus senhores», disse o consul, cuja voz assumira um tom desusadamente formal, «apresento-lhes o sr. Plunkett. Sr. Plunkett — o sr. Reeves e o sr. Morgan.»

Os barões do côco saudaram com alegria o recémvindo. Reeves parecia ser um pouco mais alto que Morgan, mas o seu riso não era tam vibrante. Os olhos de Morgan eram de um castanho escuro; os de Reeves eram pretos. Era Reeves o dono da casa, e occupou-se desde logo em pedir mais cadeiras e em gritar á india que puzesse mais talheres. Explicou-se que Morgan vivia numa cabana de bambús «lá pró outro lado», mas que todos os dias os dois amigos jantavam juntos. Enquanto se apromptavam as coisas, Plunkett conservara-se de pé, parado, olhando de um lado para outro com os seus olhos de um azul pallido. Bridger parecia estar numa attitudo de desculpa e de inquietação.

Por fim se puzeram mais duas cobertas e se indicou a cada um o seu lugar. Reeves e Morgan estavam lado a lado, da banda da mesa opposta á das visitas. Reeves inclinou affavelmente a cabeça, em signal de que todos se sentassem. Então, de repente, Plunkett levantou a mão com um gesto de auctoridade. Estava fitando exactamente entre Reeves e Morgan.

«Wade Williams», disse sem elevar a voz, «está preso por homicidio.» Reeves e Morgan trocaram logo um olhar rapido, vivo, cuja quali-

dade era a interrogação, com um tempero de surpresa. Então, ambos juntos, voltaram-se para quem fallara com um olhar commum de extraneza franca.

«Não percebemos nada, sr. Plunkett», disse Morgan com animação. «Foi *Williams* que disse?»

«Que piada é esta, Bridger?» perguntou Reeves, voltando-se a sorrir para o consul.

Antes que Bridger pudesse responder, Plunkett fallou de novo.

«Eu explico», disse, com a mesma voz branda. «Um dos senhores não precisa da explicação, mas ella é para o outro. Um dos senhores é Wade Williams, do districto de Chatham, Kentucky. Matou a sua mulher em 5 de Maio, ha dois annos, depois de cinco annos de continuas injurias e maus-tratos. Tenho aqui na algibeira todos os documentos precisos para o levar para lá; e levo-o. Partiremos no vapor fruteiro que volta amanhã a esta ilha para deixar cá os inspectores. Confesso, meus senhores, que não sei qual dos dois é que é o Williams. Mas Wade Williams volta commigo amanhã para o districto de Chatham. Desejo que se compenetrem d'isso.»

Uma grande rajada de riso alegre rompeu de Morgan e de Reeves e sahiu para sobre o porto calmo. Dois ou tres pescadores na armada de chalupas alli ancoradas chegaram a olhar, pasmando, para cima, para casa dos *diablos americanos*.

«Meu caro senhor», exclamou Morgan, dominando o riso, «o jantar arrefece. Sentemo-nos e vamos a elle. Estou ancioso por metter a colher nesta sopa de peixe. O resto fica p'ra depois.»

«Sentem-se, meus senhores, façam favor», disse Reeves com affabilidade. «Estou certo que o sr. Plunkett não se importará. Talvez até lhe sirva este bocado de tempo para identificar... o cavalheiro que elle quer prender.»

«De modo nenhum; não me importo nada», disse Plunkett, cahindo pesadamente na cadeira. «Tambem estou com fome. O que eu não queria era acceitar a hospitalidade dos senhores sem lhes fazer o aviso. É só isto.»

Reeves poz na mesa garrafas e copos.

«Aqui está cognac», disse elle, «e aniz, e whisky, e bagaço. Escolham á vontade.»

Bridger escolheu bagaço, Reeves deitou para si trez dedos de whisky, Morgan fez o mesmo. O regedor, apesar dos protestos geraes, encheu o copo da garrafa de agua.

«Bebo», disse Reeves erguendo o copo, «ao appetite do sr. Williams!» O encontro do riso e da bebida de Morgan fizeram com que este se engasgasse. Começaram todos a dar atenção ao jantar, que era bem cozinhado e saboroso.

«Williams!» chamou Plunkett, de repente e num tom secco.

Todos ergueram, pasmados, os olhos. Reeves deu com o olhar brando do regedor fito nelle. Corou um pouco.

«Olhe lá!» começou com certa aspereza. «Chamo-me Reeves, e não quero que o senhor...» Mas chegou-lhe de repente o aspecto comico do caso e acabou numa gargalhada.

«O sr. Plunkett sabe, naturalmente,» disse Morgan, temperando com cuidado o seu prato, «que fará uma certa importação de arrelias para si em Kentucky se levar para lá um homem que não seja o que procura — isto é, se o sr. levar alguém?»

«Passava-me o sal, fazia favor?» disse o regedor. «Ah, alguém levo eu. Ha de ser um dos senhores dois. Sim, sei que era cravado por perdas e damnos se me enganasse. Mas vou vêr se não me engano.»

«Olhe, já sei o que o sr. deve fazer,» disse Morgan, inclinando-se, com os olhos a sorrir. «Leve-me a mim. Vou sem dar incommodo. O negocio dos côcos correu torto este anno, e não se me dava extrahir alguma massa aos seus fiadores.»

«Isso não vale», interveio Reeves. «Não apanhei senão dezaseis dollars o milheiro pela minha ultima remessa. Leve-me a mim, sr. Plunkett.»

«Hei de levar o Wade Williams,» disse o regedor, pacientemente, «ou não hei de andar muito longe.»

«É como estar á mesa com um espectro,» observou Morgan, com um arrepio fingido. «E o espectro d'um assassino, inda por cima! Passem ahi os palitos á sombra do sr. Williams!»

Plunkett parecia tão despreoccupado como se estivesse jantando á sua propria mesa no districto de Chatham. Era um bom garfo, e os pratos extranhos dos tropicos davam-lhe bem no paladar. Pesado, vulgar, quasi indolente nos seus modos, parecia destituido de toda a astucia e a vigilancia do caçador. Deixou até de observar, com qualquer especie de agudeza ou de discriminação esboçada, os dois homens, um dos quaes elle se tinha comprometido, com pasmosa confiança, a levar de alli sob a accusação gravissima de uxoricidio. Ahi estava um problema, que, se o resolvesse mal, resultaria para elle num grave desconcerto, e, apesar

d'isso, alli estava preocupado (segundo todas as apparencias) só com o sabor, para elle novo, de uma costelleta de iguana, feita na grelha.

O consul sentia um accentuado mal-estar. Reeves e Morgan eram seus amigos e camaradas; mas o regedor de Kentucky tinha um certo direito ao seu auxilio official e ao seu appoio moral. Porisso Bridger era o mais calado de todos áquella mesa, e tentava avaliar para si o sentido da situação. Chegou á conclusão de que Reeves e Morgan, esper-  
tos ambos, como elle sabia que eram, tinham ambos concebido, quando Plunkett se explicou, e com a rapidez do relampago, a idéa de que talvez o outro fôsse o réo Williams; e que qualquer d'elles tinha, nesse mesmo momento, decidido proteger lealmente o seu camarada do perigo que sobre elle impendia. Era esta a hypothese do consul, e, se fôsse um tomador de apostas numa corrida de astucias pela vida e pela liberdade, teria carregado as probabilidades contra o regedor paciente do districto do Chatham, Kentucky.

Acabada a refeição, veio a india e levantou a mesa, tirando a toalha. Reeves espalhou pela mesa magnificos charutos, um dos quaes Plunkett, como os outros, accendeu com visivel agrado.

«Pode ser que eu seja parvo», disse Morgan sorrindo, e piscando o olho a Bridger, «mas quero ter a certeza se sou ou não. Ora a minha idéa é que isto não é senão uma partida do sr. Plunkett, arranjada para assustar estes dois meninos da matta. Este Williamson vae ser preso a serio ou não?»

«Williams,» emendou Plunkett sem sorrir. «Nunca arranjei partidas na minha vida. E sei que não era capaz de viajar duas mil milhas para fazer uma partida tão estúpida como esta seria se eu não levasse o Wade Williams commigo. Meus senhores!» continuou o regedor, passando agora os seus olhos brandos, imparcialmente, de cada um dos presentes para outro, «vejam se acham alguma graça a este caso. O Wade Williams está aqui, ouvindo as palavras que estou dizendo; mas por delicadeza fallarei d'elle na terceira pessoa. Durante cinco annos fez passar á mulher uma vida de cão... Não; retiro isso. Não ha cão em todo Kentucky que fôsse tratado como ella foi. Gastou o dinheiro que ella lhe trouxe — gastou-o nas corridas, ao jogo, com cavallos e na caça. Era bom rapaz para os amigos, mas em casa um perfeito demonio, frio e duro. Fechou esses cinco annos de desprezo batendo na rapariga com a mão fechada — uma mão dura como pedra, — quando ella estava doente e fraca de tanto soffrer. Ella morreu no dia seguinte, e elle raspou-

se. É só isto. E é bastante. Nunca vi o Williams, mas á mulher d'elle conheci-a. Não sou homem que conte metade. Ella e eu namoravamos quando ella o encontrou. Foi a Louisville, numa visita, e alli é que o viu. Confesso que elle me levou a melhor em quasi tempo nenhum. Eu vivia então alli ao pé das montanhas. Fui eleito regedor do districto de Chatham um anno depois do Wade Williams matar a mulher. O meu dever official manda-me vir aqui procural-o, mas confesso que ha tambem uma razão pessoal. E elle volta commigo. Sr. â... Reeves, dava-me um phosphoro, se faz favor?»

«Esse Williams foi muito imprudente,» disse Morgan pondo os pés ao alto, contra a parede, «em bater numa senhora de Kentucky. Parece-me ter já ouvido dizer que ellas são levadas do diabo.»

«Muito mausinho, esse Williams,» disse Reeves, deitando mais whisky.

Ambos fallavam com ar ligeiro, mas o consul viu e sentiu a tensão e o cuidado que punham no que faziam e diziam. «Bons rapazes!» disse para si; «ambos teem razão. Cada um está a aguentar o outro como um muro de tijolo.»

Então entrou um cão no quarto onde estavam sentados — um cão comprido, castanho e preto, de orelhas longas, lento, confiado em ser bemvindo.

Plunkett voltou a cabeça e olhou para o animal, que parou, confiadamente, a dois passos da cadeira d'elle.

De repente o regedor, com uma praga dura, sahiu da cadeira e assentou no cão, com a bota pesada, um pontapé forte de maldade.

O cão, doído, assustado, de orelhas cahidas e rabo retrahido, deu um guincho agudo de dor e de surpresa.

Reeves e o consul ficaram sentados, nada dizendo, mas pasmados d'este assomo de irritação no homem calmo do districto de Chatham.

Mas Morgan, com a cara roxa de colera, poz-se de pé num pulo e ergueu por sobre o regedor um braço de subita ameaça.

«Seu .. bruto!» gritou com alma, «porque é que você fez isso?»

As amenidades voltaram depressa. Plunkett deu uma desculpa imperceptivel e voltou para a cadeira. Morgan, dominando a colera com um exforço visivel, voltou tambem para o seu logar.

Então Plunkett, com um pulo de tigre, torneou o canto da mesa e fechou um par de algemas sobre os pulsos de Morgan, paralyzado.



«Amigo de cães e assassino de mulheres!» exclamou; «vae-te já preparando para outro mundo.»

Quando o Bridger acabou, perguntei-lhe:

«E acertou?»

«Acertou,» disse o consul.

«Mas como é que elle soube?» perguntei, porque tinha ficado numa especie de atarantação.

«Quando elle mettia o Morgan na embarcação», respondeu Bridger, «no dia seguinte, para o levar para bordo do *Pajaro*, este tal Plunkett parou para se despedir de mim e eu fiz-lhe a mesma pergunta.

«Sr. Bridger,» disse elle, «sou de Kentucky, e tenho visto muito em materia de homens e de bichos. E ainda não vi um homem que gostasse muito de cavallos e de cães que não fosse cruel para as mulheres.»

### OS CAMINHOS QUE TOMAMOS

Vinte milhas para oeste de Tucson o rapido parou ao pé de um deposito para tomar agua. Além d'este liquido, porém, a machina d'aquelle comboio adquiriu tambem outras cousas que lhe não conviham.

Emquanto o fogueiro estava baixando a mangueira de alimentação, o Bob Tidball, o Dodson «Tubarão» e um indio de raça cruzada chamado João Cão Grande treparam para a machina e apresentaram ao machinista os orificios de trez cannos de revolver. As possibilidades d'esses orificios a tal ponto impressionaram o machinista que ergueu logo ambas as mãos num gesto do genero do que accompanha a exclamação, «Conta lá!»

Á ordem brusca do Dodson Tubarão, que era o commandante da força, o machinista desceu ao chão e desligou a machina e o tender. Então o João Cão Grande, empoleirado no carvão, sorriu por traz de dois revolvers apontados ao ajudante e ao fogueiro, lembrando que corressem a machina cincoenta metros pela linha abaixo e alli aguardassem novas ordens.

O Dodson Tubarão e o Bob Tidball, desdenhando proceder á limpeza de minerio tão baixo como os passageiros, dedicaram-se ao veio magnifico que era o vagon de valores. Encontraram o guarda envolto na crença firme de que a machina não estava tomando nada mais forte

que agua pura. Emquanto o Bob lhe tirava esta idéa da cabeça por meio de uma coronha de revolver, o Dodson Tubarão occupava-se em ministrar uma dose de dynamite ao cofre do vagon.

O cofre explodiu no sentido de trinta mil dollars, ouro e notas. Os passageiros espreitaram vagamente pelas janellas a ver de onde vinha a trovoadá. O conductor puxou a correia que lhe ficou lassa e cahida na mão. O Dodson Tubarão e o Bob Tidball, com o espolio numa sacca de lona forte, sahiram do vagon e correram pesadamente, com suas botas altas, até á machina.

O machinista, amuado mas prudente, correu velozmente a machina, obedecendo ás ordens, para longe do comboio parado. Mas antes que isto estivesse feito, o guarda do rapido, tendo despertado do argumento com que o Bob Tidball lhe tinha imposto a neutralidade, saltou do vagon com uma Winchester e entrou no jogo. O sr. João Cão Grande, empo-leirado no carvão, perdeu a vasa pelo processo involuntario de imitar perfeitamente um alvo. O guarda caçou-o. Com uma bala exactamente entre as espaldas, o cavalheiro de cor e industria cahiu para o chão, augmentando assim automaticamente em um-sexto o quinhão de cada um dos camaradas.

A duas milhas do deposito deu-se ordem ao machinista que parasse.

Os ladrões gritaram um adeus de desafio e enfiaram pelo declive abaixo para os bosques que marginavam a linha ferrea. Cinco minutos de caminho difficil atravez de uma matta de chaparral trouxe-os a um bosque mais aberto, onde estavam trez cavallos, presos a ramos baixos. Um esperava o João Cão Grande, que nunca mais andaria a cavallo de dia ou de noite. A este animal tiraram os ladrões a sella e o freio, e puzeram-o em liberdade. Montaram nos outros dois, extendendo o sacco sobre a maçã da sella de um d'elles, e seguiram depressa mas discretamente atravez da floresta e por uma garganta primitiva e solitaria acima. Aqui o animal que levava o Bob Tidball escorregou num pedregulho musgoso e partiu uma das pernas deanteiras. Mataram-o com um tiro na cabeça, e sentaram-se para realizar um conselho de fuga. Seguros por emquanto, em virtude do caminho tortuoso que haviam tomado, já a questão de tempo os não apoquentava tanto. Havia já muitas horas e leguas entre elles e a mais rapida perseguição que se pudesse organizar. O cavallo do Dodson Tubarão, de corda arrastada e freio cahido, resfolegava e comia com agrado da herva á margem do riacho da garganta.

Bob Tidball abriu o sacco, tirou ás mãos ambas maços de notas e um sacco unico de ouro, e riu com uma alegria de creança,

«Olha lá, meu grande pirata», disse elle rindo para Dodson, «bem dizias tu que a coisa se conseguia. Tens uma cabeça de financeiro que deixa atraz tudo na Arizona».

«O que é que a gente vae fazer a respeito de um cavallo p'ra ti, Bob? A gente não pode esperar aqui muito tempo. Logo de madrugada, com a primeira luz, os typos estão na nossa pista.»

«Oh, aquelle teu bicho tem que levar dois um bocado», respondeu o Bob com optimismo. «Deitamos a mão ao primeiro bicho que encontrarmos por ahi. Caramba, que fizemos bom negocio, hein? Aqui pelos signaes nas cintas e no sacco temos trinta mil dollars — quinze mil a cada bico!»

«É menos que eu esperava», disse o Dodson Tubarão, dando pontapés leves nos pacotes. Depois olhou meditativamente para os flancos suados da sua montada.

«O Bolivar, coitado, está quasi que não pode mais», disse elle devagar. «Que pena que o teu bicho se estropiasse!»

«Ninguem tem mais pena que eu», disse o Bob sem abatimento, «mas o que é que se ha de fazer? O Bolivar é rijo, e pode bem com nós dois até arranjarmos outras montadas. Raios me partam, ó Tubarão, mas não me passa da idéa a piada que tem um typo do leste como tu vir p'ra aqui ensinar-nos a nós do oeste a dar cartas no negocio de salteador! De que parte do leste é que és?»

«Estado de Nova York», disse o Dodson Tubarão, sentando-se num toro e mastigando um fio de herva. «Nasci numa herdade do districto de Ulster. Fugi de casa quando tinha dezasete annos. Foi um acaso eu vir p'ra oeste. Eu ia p'la estrada fóra com a roupa numa trouxa a caminho de Nova York, da cidade. A minha idéa era ir p'ra lá e ganhar muito dinheiro. Uma tarde cheguei a um ponto onde a estrada fazia garfo, e eu não sabia por que caminho havia de tomar. Estive p'ra ahi meia hora a estudar o caso, e depois tomei p'lo da esquerda. Nessa noite mesmo fui dar ao acampamento de um circo do oeste que andava dando espectaculos nas varias terras, e segui p'ra oeste com elles. Muitas vezes tenho pensado se não teria dado em qualquer coisa muito diferente se tivesse tomado o outro caminho.»

«Hum, a minha idéa é que davas mais ou ménos no mesmo,» disse o Bob Tidball com uma philosophia alegre. «Não é os caminhos que a

gente toma, é o que está dentro de nós, que faz com que a gente dê no que vem a dar.»

O Dodson Tubarão levantou-se e encostou-se a uma arvore.

«Tomara eu que aquella tua montada se não tivesse estropiado, Bob», tornou elle a dizer, com uma certa tristeza.

«E dois!» concordou o Bob. «Era um bello bicho. Mas o Bolivar tira-nos aos dois da alhada. Olha lá, e o melhor é a gente ir-se pondo a mexer, hein? Vou metter isto tudo outra vez no sacco, e ala para outra terra!»

O Bob Tidball repoz o espolio no sacco, e apertou a bocca d'este, com força, com uma corda. Quando levantou a cabeça a cousa mais notavel que viu foi o canno da pistola do Tubarão visandolhe sem tremer o centro da testa.

«Deixa-te de piadas, rapaz», disse o Bob sorrindo. «A gente tem é que se pôr a mexer.»

«Está quieto», disse o Tubarão. «Tu não te vaes pôr a mexer para parte nenhuma, Bob. Tenho pena de t'o dizer, mas não ha sahida senão para um de nós. O Bolivar, coitado, está muito cansado, e não pode levar dois.»

«Temos sido camaradas, eu e tu, Tubarão, ha uns trez annos» disse o Bob com socego. «Muita e muita vez arriscou a gente a vida juntos. Sempre te tenho tratado ás direitas, e julgava que eras um homem. Já ouvi coisas que contavam de ti, de como tinhas matado um ou dois homens de uma maneira exquisita, mas nunca acreditei. Ora agora, se estás a brincar commigo, desvia lá a pistola e vamo-nos embora. Mas se queres atirar, atira, filho de um lacrau!»

A cara do Dodson Tubarão tinha uma expressão de profunda magua.

«Não imaginas que pena eu tenho,» suspirou elle, «a respeito d'aquelle desastre que aconteceu ao teu cavallo, Bob.»

A expressão no rosto do Dodson mudou de repente para uma de ferocidade fria mixta de inexoravel cupidez. A alma do homem mostrou-se de repente como uma cara sinistra á janella de uma casa honrada.

E, na verdade, nunca o Bob Tidball se poria mais a mexer para parte nenhuma. Fallou a pistola do amigo falso, enchendo a garganta de um estrondo que os seus muros devolveram indignadamente E o Bolivar, cumplice inconsciente, levou depressa para longe o ultimo dos salteadores do rapido, sem ter que «devar dois».

Mas á medida que o Dodson Tubarão galopava parecia que os bosques se esfumavam e desappareciam; o revolver na mão direita converteu-se no braço curvo de uma cadeira de mogno; a sella estava extremamente estofada, e elle abriu os olhos e viu seus pés, não em estribos, mas pousados alto na ponta de uma secretaria rica.

Estou contando aos senhores que o Dodson, da firma de Dodson & Decker, corretores de Wall Street, abriu os olhos. Peabody, o empregado de confiança, estava de pé a seu lado, hesitando em fallar. Lá em baixo havia um ruido confuso de rodas, e ao pé o sussurro acariciador de uma ventoinha electrica.

«Hum, Peabody», disse o Dodson, piscando os olhos. «Então não adormeci! Tive um sonho muito curioso. O que é que ha?»

«É o sr. Williams, sr. Dodson, de Tracy & Williams, que está alli fóra. Vem liquidar aquillo d'aquellas acções. A alta cahiu-lhe em cima, lembra-se o sr. Dodson?»

«Sim, lembro-me. Como está isso cotado hoje, Peabody?»

«Cento e oitenta e cinco, sr. Dodson.»

«Então é isso que elle paga.»

«O sr. Dodson dá licença...», disse Peabody, com uma certa hesitação. «Desculpe-me fallar nisso, mas estive a fallar com o Williams. Elle é um velho amigo seu, e o sr. Dodson pode-se dizer que tem na mão todo este papel. Pensei se o sr..., isto é, pensei que o sr. talvez se não lembrasse que elle lhe vendeu o papel a noventa e oito. Se elle liquida ao preço do mercado, vae-se-lhe tudo quanto tem e ainda por cima, coitado, tem que vender a casa, e a mobilia e tudo, para lhe poder entregar as acções.»

A expressão no rosto do Dodson mudou de repente para uma de ferocidade fria mixta de inexoravel cupidez. A alma do homem mostrou-se de repente como uma cara sinistra á janella de uma casa honrada.

«Cento e oitenta e cinco é que elle paga», disse o Dodson. «O Bolivar não pode levar dois.»

## DOIS POEMAS

---

### ANTIQUARIO

Tu, antiquario, surge,  
maniaco da nostalgia,  
por um crepusculo, e, barbaro,  
viola o orgão da Barbaria!

Que, p'la tarde instrumental  
de outomno que se desdoura,  
a memoria accorda, abolida,  
— exangue solidão sonora!

Alma bizarra e captiva  
de um *décor* que desespera...  
Decifrador entre ruinas  
do tumulto da Chymera...

Resurreição do Mysterio:  
Armas, tropheus! O que evoca  
o frizo inanimado  
da minha memoria louca!

Casco ou elmo: chovem rosas!  
(Noutra idade, Sonho, ondeias!)  
Gloriola em meus ouvidos:  
Ha trombetas nas ameias!

E a panoplia em prata ardente,  
em prata ardente e lavrada,  
— cadaver esplendoroso  
de outras tardes de parada!

E a sandalia, que recorta  
da nympha — erguida no plintho —  
a sombra futil dos pés:  
— Sereia de um mundo extincto!

Livros de viagens, fechados,  
Sec'lo dezoito, de pé!  
Clima outr'ora do meu sonho,  
meu Robinson Crusoe!

Atlas, mappas! Todo o mundo  
viajado em rumo do vento,  
como do cachimbo o fumo  
ao rhythmo do desalento.



E o brasão de pedrã fria!  
Quão musgoso e abandonado,  
lembrando em nós a delida  
esculptura do passado:

O que entre limos a fresta  
accorda p'las madrugadas:  
— Signal da estirpe derruida!  
— Campo Santo das Amadas!

Tu, velho leque pintado,  
recordas como um tormento,  
em teus fundos de luxuria,  
o magnifico Seiscento!

Sortilegio! Que mãos bruxas  
accordam sombras á espera  
d'essas noites de Blasphemia  
do scismador de Cythera!

Velho mundo adormecido,  
tem uma voz que tortura.  
Que mãos sinistras me voltam  
As paginas da Amargura?

Tudo emerge da Memoria:  
o lexico desbotado  
do sonho, obsessivo, ao fundo  
hiemal do meu passado!...

---

Da Walhalla modelado,  
o barbaro surgia  
ás portas de Byzancio  
á hora em que floria  
a latina Blasphemia  
pelas salas ignotas.  
Senhor! Senhor! Que os barbaros  
forçam as aureas portas!  
E, forçadas, puzeram rosas, rosas,  
nas cabeças, hirsutos e temidos,  
exangues do perfume dos cadaveres  
d'aquelles velhos deuses abolidos.  
— E taes, que se tornando adolescentes,  
debeis, por entre as chammãs de um thesouro,  
spectraes, foram deixando pelas portas  
signaes pintados dos seus dedos de ouro!

LUIZ DE MONTALVOR

# POEMAS DA RAZÃO MATHEMATICA

## XÁCARA DO INFINITO

Fazia papa-luaça  
com lama azul dos paues;  
e embaciava a vidraça;  
ou de olhos baços, azues,  
parados, largos, serenos,  
como o silencio dos mudos,  
ou fitos, picos, pequenos,  
venenos de angulos agudos.

Ou gargalhava estridente  
como um riscar de repente  
de uma falha de luz  
em escuros de urros e uuus  
que arrefecia os cabellos!  
É a dissonancia em novellos  
rolava fundo e medonho  
a meio do chão... Catrapuz!...  
como um vomito de luz  
a estostrar dentro d'um sonho!

Ou escancarava a vidraça  
a rir pedradas de lata;  
mas logo o feixe-desfeixe  
porque a lata se desata  
e cahe em pata de pata  
na lagea das cousas mortas  
das mortas noites sem portas!

.....  
É logo a Noite corria,  
e a vista via... — não via:  
porque entre o ver e o não ver  
ha uma distancia a correr  
que pode ser... — ou não ser  
uma distancia a valer!

Aquelle espaço intervallo  
d'um cabelo ou d'uma unha  
á sensação de ter unha  
é uma distancia a cavallo  
como a distancia da unha  
ao movimento da unha!

É como a longa distancia  
que vae do ferro da lança  
á sua prova de força,  
que vae do salto da corça  
á unha da propria corça!

Que vae da gente ao cabelo  
— que será, ou não, distancia... —  
porque a gente não é pêlo,



nem tem a ancia de sê-lo,  
mas pode a gente ter ancia  
de ter ancia de ser pêlo!

Que coisa ausente ou presente,  
que ponte desune ou une  
o meu sentir ao meu dente,  
o que sente ao que não sente,  
e como em mim se reune?!

A sensação da Materia  
é não ser tudo o que falta:  
que quem o é já não salta  
por sobre a propria Materia;  
que *quem* o é... não é *quem*,  
porque *quem* é ser *alguem*,  
*individuo* é ser *dividuo*,  
— dividido o *aqui* do *além*!

A parte que em nós não sente  
arvorou no consciente  
a sensação do ser gente  
e a da coisa inconsciente!

D'este tudo e d'este nada  
nasceu a forte razão  
que separa o *sim* do *não*  
e os valores de *tudo* e *nada*!

### VERSOS FRIOS

Todo o retrato pintado  
é p'ra nós uma *visão*,  
que pode ser *illusão*  
no caso de o retratado

não ser de nós conhecido;  
que, quando a gente o conhece,  
o seu retrato apparece  
como um retrato obtido.

Mas se a gente nunca o viu,  
sobre o retrato tecemos,  
uma coisa que não vemos,  
que p'ra nós nunca existiu.

D'este modo o retratado  
é um vulto presentido  
mas nunca por nós sentido,  
portanto p'ra nós errado;

que pode ser verdadeiro  
ou coisa nunca existente,

um *nada* que de repente  
existisse por inteiro ;

um *nada* que nos surgisse,  
que a gente visse e não viu,  
um vulto que se sumiu  
e nunca mais se sumisse ;

um vulto que a gente *crece*,  
mas que em si nunca cresceu,  
uma duvida do «eu»,  
uma *illusão* que appetite!

Tambem do Mundo a *visão*,  
por ser retrato d'aquella  
que não vimos antes d'ella  
dá impressão de *illusão* !

Mas a *illusão* é só ella  
por não ser *esculptura* a Vida,  
ser apenas presentida  
*pintura*, sopro de tella;

um echo que a nós se dá  
da sua essencia integral,  
um echo que mais não val  
que por ser echo de lá ;

um echo, sopro ligeiro  
d'um gigante que se esconde,  
— um echo que vem d'aonde ?  
— d'aonde procede o cheiro ?

O mundo não está inteiro  
comnosco, perto de nós ;  
o Mundo é echo de voz  
d'um echo de echo primeiro.

Nós vemos tudo no Mundo  
por dimensões e extensões :  
são outras tantas razões  
que d'este Mundo o profundo,

(o proprio Mundo, em resume,)  
está tão distante da gente  
como uma luz evidente  
de uma luz que se presume !

As diferenças de tamanhos  
são diferenças de distancias,  
presenças, ausências, ancias,  
renovos, perdas e ganhos.

E são a prova constante  
de que o Mundo está p'rá gente  
distante desegualmente,  
e que ora, pois, . . . *está distante!*



---

---

# A T H E N A

---

---



Ó vida larga, em paineis,  
que eu levo neste degredo,  
ó vida, imagem de enredo  
pintada sob doceis ;

enquadratura cerrada,  
só num plano concedida,  
ó Vida, face de vida,  
ó Vida toda pintada ;

que por seres photographia  
de qualquer coisa real  
pareces coisa irreal,  
um erro da phantasia !

A sensação de enganado  
é-nos dada unicamente  
por ver as coisas de frente  
sem as ver do outro lado.

O não ver a vida em roda,  
não ver detraz da cortina,  
dá a impressão repentina  
de coisa que não está toda ;

e logo a parte *illudida*  
nasceu da propria vontade  
de preencher a metade  
que falta ser preenchida.

A nossa louca impressão,  
metaphysica, da Vida  
é não ter toda a medida  
que abranja toda a extensão.

O espirito da Metaphysica  
nasceu do espirito enganado,  
do não ver do outro lado,  
do outro lado da Physica.

Até a propria loucura,  
da mais banal á mais rara,  
nasceu do vão que separa  
o Mundo da creatura.

Ó Vida larga, em paineis,  
que eu levo neste degredo,  
ó Vida, imagem de enredo  
pintada sob doceis ;

enquadratura cerrada,  
só num plano concedida,  
ó Vida, face de vida,  
ó Vida toda pintada !

MARIO SAA

# RAJADAS

## ET NUNC, ET SEMPER...

Folhas que cahem todos os annos ;  
flores que murcham ao abandono ;  
horas que passam, e são enganoso ;  
mortos que dormem fictício somno ;  
nuvens que o vento gera e desfaz ;  
poeiras que batem de encontro á terra ;  
dígam-me todos onde é a paz,  
quando ha em tudo sòmente a guerra !

Cinzas e lavas que o fogo manda ;  
vagas enormes, fauces abertas ;  
ricos e pobres sempre em demanda ;  
crimes, doenças, gritando àlertas ;  
pugnas ferozes, sílvos de dor ;  
justiças cegas, punhos de forte ;  
musica lugubre do estertor ;  
tudo isto é Vida... , tudo isto é Morte !

Réos condemnados, já desde os berços ;  
bois, de olhar doce, só p'ra matar ;  
ninhos de amores, depois díspersos ;  
luas, já mortas, dando luar ;  
florestas virgens, feitas em fumo ;  
trigos em messes, que a foíce corta ;  
cerebros loucos, sem terem rumo ;  
tudo isto é prova da Razão morta !

Crenças suaves, todas de rastros ;  
egoísmos torpes, postos ao alto ;  
almas vencidas, errantes astros ;  
corações vivos, negro basalto ;  
vaídades ôcas, feitas rainhas ;  
luz, dando trevas, polarizada ;  
alcool, vingança das pobres vinhas ;  
tudo combate na barricada !

Lagrimas tristes causando riso ;  
lubricas bolsas comprando amores ;  
rostos famintos, sem um sorriso ;  
corpos, sem tregua, soffrendo horrores ;

miseros ventres gerando filhos;  
campos lavrados pela Desgraça;  
rondas sinistras de maltrapilhos;  
tudo isto fica . . . , tudo isto passa!

Aguas correntes que não dormis;  
fontes peçadas que rebentaes;  
polveras negras que destruis;  
aço de espadas e de punhaes;  
vida das covas, verme voraz;  
raios das nuvens, fendendo a terra;  
dizei-me todos onde é a paz,  
se a Morte e a Vida são sempre a guerra!

### PSEUDO-OMNIPOTENCIA

As leis naturaes são a expressão  
mais rigorosa da necessidade.  
MOLESCHOTT

A's tenras hastes chegam as seivas,  
vêm de distantes raizes fundas,  
e os ramos vivem, porque das leivas  
a terra manda forças fecundas.

Vestem-se os troncos de chlorophyllas  
nas verdejantes folhas cortadas,  
e de entre as folhas, como pupillas,  
nascem as flores avelludadas.

E os seus ovarios, desenvolvidos,  
depois que os pollens os fecundaram,  
dão-nos os fructos appetecidos,  
fim p'ra que as seivas allí chegaram.

Mas, á medida que fructifica,  
caminha a planta p'ra se extinguir;  
se deu sementes, a especie fica,  
não é precisa, pode ruir.

E, em pouco tempo, murcha, pendida,  
vae tombar secca, f'rida de morte;  
e as novas hastes, a que deu vida,  
esperam todas a mesma sorte.

Que a Natureza vive em miséria:  
 é mãe somente de cousas novas  
 usando sempre velha materia,  
 e só faz montes, abrindo covas.

QUOUSQUE TANDEM?...

Vozes do céu que chamaes o mar,  
 brisas de amor que cercaes as fontes,  
 poeiras de luz que brincaes no ar,  
 hastes em flor que amparaes os montes;  
 ventos crueis que vergaes as palmas,  
 fogos de côr que abrasaes poentes,  
 rios de dor que arrastaes as almas,  
 aureos metaes que cegaes as gentes;  
 dulcídos sons que embalae creanças,  
 velhas paixões que mataes confortos,  
 sopros subtis que apagaes esp'ranças,  
 humilde chão que tragaes os mortos;  
 olhos febris que sonhaes com beijos,  
 nuvens do sul que voaes sem azas,  
 seios de pé que acirraes desejos,  
 frias traições que aticaes as brasas;  
 gritos de Além que echoaes na morte,  
 prantos fieis que abrandaes saudades,  
 destinos crús que mandaes na Sorte,  
 negros vulcões que arrazaes cidades;  
 manhãs de abril que nos daes as rosas,  
 luas de mel que adoçaes o mundo,  
 hybridos nós que ligaes as cousas,  
 tragos de fel que ficaes no fundo;  
 corpitos nus que mamaes nos peitos,  
 longínquos ais que lembraes rugidos,  
 corações vis que casaes nos leitos,  
 noites de horror que escutaes gemidos;  
 restas de sol que animaes casebres,  
 luzes de gaz que banhaes salões,  
 mãos de marfim que escaldaes com febres,  
 maguas a sós que mudaes feições;  
 gumes de pás que excavaes nas lamas,  
 sorrisos maus que evocaes desgraças,  
 terreos lençóes que pesaes nas camas,  
 restos de Fé que expiraes nas praças;  
 veus de Satan que velaes a Vida,

manchas de sol que geraes tormentas,  
 cansadas mãos que paraes na lída,  
 nevoas, em nós, que ficaes poentas;  
 luz e calor que alegraes os ninhos,  
 ancias do «Ser» que buscaes alturas,  
 lábios de mães que enfeixaes carinhos,  
 seivas fataes que negaes venturas;  
 saccos de cal que estragaes a Fórma,  
 surdo porvir que julgaes ser mudo,  
 progressos vãos que occultaes a norma,  
 tempos senis que voltaes em tudo;  
 calmos jardins que duraes instantes,  
 vagas de anil que afogaes naufragios;  
 fios de luar que enlaçaes amantes,  
 uivos de cães que annunciaes presagios;  
 tímidas cãs que soltaes lamentos,  
 flores de liz que tombaes no solo,  
 nomes de heroes que passaes no vento,  
 moeda de lei que chegaes ao polo;  
 braços anneis que alaçaes de fartos,  
 boccas romãs que findaes geladas,  
 corpos hoteis que evitaes os partos,  
 instinctos ruins que traçaes estradas;  
 vozes de irmãos que bradaes queixumes,  
 ouvidos bons que fechaes as portas,  
 pôdres paues que invejaes os cumes,  
 idéas sãs que estrumaes as hortas;  
 astros hostis que imperaes nas sínas,  
 míseros dons que restaes de nós,  
 cegos tufões que semeaes ruínas,  
 braços da cruz que fallaes sem voz;  
 rosas irmãs que afastaes as hastes,  
 noivas gentis que pensaes enganos,  
 Vida-entremez que inventaes contrastes,  
 falsas noções que entrevaes em annos;  
 palavras sãs que saneaes aldeias,  
 sangues azues que elevaes acasos,  
 gritos aos mil que gritaes idéas,  
 campos de pão que esfomeaes atrazos;  
 ouvi-me bem, porque em vós existem  
 sombras sem fim de um immenso inferno;  
 se tudo cahe, afinal persistem  
 duvidas, só, do Mysterio eterno!...

HENRIQUE ROSA

# APONTAMENTOS PARA UMA ESTHETICA NÃO-ARISTOTELICA

## I

Toda a gente sabe hoje, depois de o saber, que ha geometrias chamadas não-euclideanas, isto é, que partem de postulados differentes dos de Euclides, e chegam a conclusões differentes. Estas geometrias teem cada uma um desenvolvimento logico: são systemas interpretativos independentes, independentemente applicaveis á realidade. Foi fecundo em mathematica e além da mathematica (Einstein bastante lhe deve) este processo de multiplicar as geometrias «verdadeiras», e fazer, por assim dizer, abstracções de varios typos na mesma realidade objectiva.

Ora, assim como se podem formar, se formaram, e foi util que se formassem, geometrias não euclideanas, não sei que razão se poderá invocar para que não possam formar-se, não se formem, e não seja util que se formem, estheticas não-aristotelicas.

Ha muito tempo que, sem reparar que o fazia, formulei uma esthetica não-aristotelica. Quero deixar escriptos estes apontamentos para ella, em parallelo, não sei se modesto, com a these de Riemann sobre a geometria classica.

Chamo esthetica aristotelica á que pretende que o fim da arte é a belleza, ou, dizendo melhor, a producção nos outros da mesma impressão que a que nasce da contemplação ou sensação das cousas bellas. Para a arte classica — e as suas derivadas, a romantica, a decadente, e outras assim — a belleza é o fim; divergem apenas os caminhos para esse fim, exactamente como em mathematica se podem fazer diversas demonstrações do mesmo theorema. A arte classica deu-nos obras grandes e sublimes, o que não quer dizer que a theoria da construcção d'essas obras seja certa, ou que seja a unica theoria «certa». É frequente, alias, e tanto na vida theorica como na prática, chegar-se a um resultado certo por processos incertos ou mesmo errados.

Creio poder formular uma esthetica baseada, não na idéa de belleza, mas na de *força* — tomando, é claro, a palavra *força* no seu sentido abstracto e scientifico; porque se fosse no vulgar, tratar-se hia, de certa maneira, apenas de uma fórmula disfarçada de belleza. Esta nova esthetica, ao mesmo tempo que admitte como boas grande numero de obras classicas — admitindo-as porém por uma razão differente da dos aristotelicos, que foi naturalmente tambem a dos seus auctores, — estabelece uma possibilidade de se construirem novas especies de obras de arte que quem sustente a theoria aristotelica não poderia prever ou acceitar.

A arte, para mim, é, como toda a actividade, um indicio de fôrça, ou energia; mas, como a arte é produzida por entes vivos, sendo pois um



producto da vida, as fórmulas da força que se manifestam na arte são as fórmulas da força que se manifestam na vida. Ora a força vital é dupla, de integração e de desintegração — anabolismo e katabolismo, como dizem os physiologistas. Sem a coexistencia e equilibrio d'estas duas forças não ha vida, pois a pura integração é a ausencia da vida e a pura desintegração é a morte. Como estas forças essencialmente se oppõem e se equilibram para haver, e enquanto ha, vida, a vida é uma acção acompanhada automatica e intrinsecamente da reacção correspondente. E é no automatismo da reacção que reside o phenomeno especifico da vida.

O *valor* de uma vida, isto é, a vitalidade de um organismo, reside pois na intensidade da sua força de reacção. Como, porém, esta reacção é automatica, e equilibra a acção que a provoca, egual, isto é, egualmente grande, tem que ser a força de acção, isto é, de desintegração. Para haver intensidade ou valor vital (no conceito de vida não pode caber outro conceito de valor que não o de intensidade, isto é, de grau de vida), ou vitalidade, é forçoso que essas duas forças sejam ambas intensas, mas eguaes, pois, se o não fôrem, não só não ha equilibrio mas tambem uma das forças é pequena, pelo menos em relação á outra. Assim o equilibrio vital é, não um facto directo — como querem para a arte (não esqueçamos o fim d'estes apontamentos) os aristotelicos — mas o resultado abstracto do encontro de dois factos.

Ora a arte, como é feita por se sentir e para se sentir — sem o que seria sciencia ou propaganda, — baseia-se na sensibilidade. A sensibilidade é pois a *vida* da arte. Dentro da sensibilidade, portanto, é que tem que haver a acção e a reacção que fazem a arte viver, a desintegração e integração que, equilibrando-se, lhe dão vida. Se a força de integração viesse, na arte, de fóra da sensibilidade, viria *de fóra da vida*; não se trataria de uma reacção automatica ou natural, mas de uma reacção mechanica ou artificial.

Como applicaremos á arte o principio vital de integração e desintegração? O problema não offerece difficuldade; como a maioria dos problemas, basta, para o resolver, ver bem que problema elle é. Indo ao aspecto fundamental da integração e da desintegração, isto, é, á sua manifestação no mundo chamado inorganico, vemos a integração manifestar-se como *cohesão*, a desintegração como *ruptibilidade*, isto é, tendencia a, por causas (neste nivel) quasi todas macroscopicamente externas — aliás perpetuamente operantes, em grau menor ou maior — o corpo se scindir, se quebrar, deixar de ser o corpo que é. No mundo chamado organico mantem-se, variando o nome porque a fórmula de manifestação, estas duas forças.

Na sensibilidade o principio de cohesão vem do individuo, que essa sensibilidade caracteriza, ou, antes, essa fórmula de sensibilidade, pois é a *fórmula* — tomando este termo no sentido abstracto e completo — que define o composto individualizado. Na sensibilidade o principio de ruptibilidade está em variadissimas forças, na sua maioria externas, que, porém, se reflectem no individuo psychico atravez da não-sensibilidade, isto é, da intelligencia e da vontade — a primeira tendendo a desintegrar a sensibi-

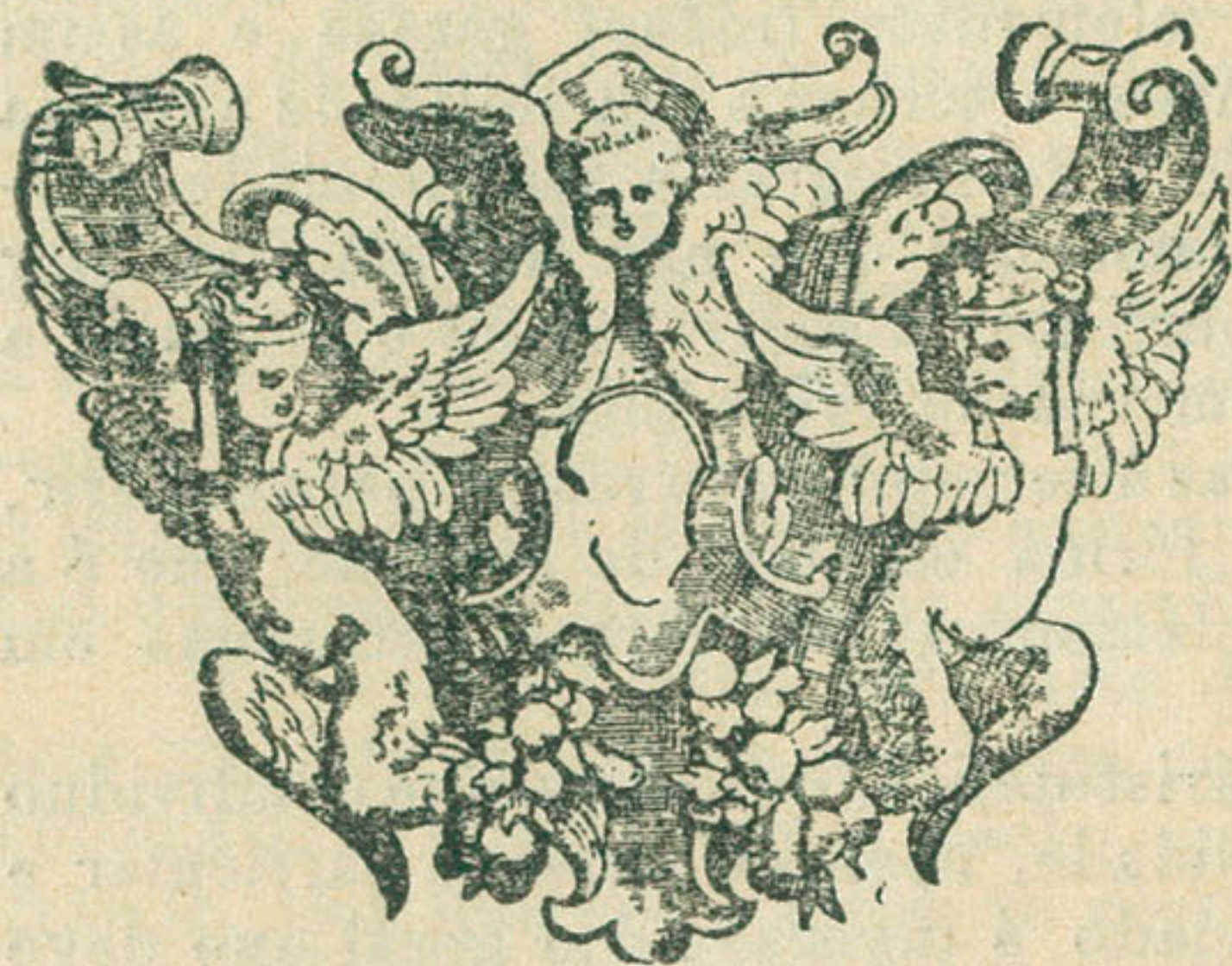
lidade perturbando-a, inserindo nella elementos (idéas) geraes e assim contrarios necessariamente aos individuaes, a tornar a sensibilidade humana em vez de pessoal; a segunda tendendo a desintegrar a sensibilidade limitando-a, tirando lhe todos aquelles elementos que não sirvam, ou, por excessivos, á acção em si, ou, por superfluos, á acção rapida e perfeita, a tornar pois a sensibilidade centrifuga em vez de centripeta.

Contra estas tendencias disruptivas a sensibilidade reage, para coherir, e, como toda a *vida*, reage por uma fórmula especial de cohesão, que é a *assimilação*, isto é, a conversão dos elementos das forças extranhas em elementos proprios, em *substancia sua*.

Assim, ao contrario da esthetica aristotelica, que exige que o individuo generalize ou humanize a sua sensibilidade, necessariamente particular e pessoal, nesta theoria o percurso indicado é inverso: é o geral que deve ser particularizado, o humano que se deve pessoalizar, o «exterior» que se deve tornar «interior».

Creio esta theoria mais logica — se é que ha logica — que a aristotelica; e creio-o pela simples razão de que, nella, a arte fica o contrario da sciencia, o que na aristotelica não acontece. Na esthetica aristotelica, como na sciencia, parte-se, em arte, do particular para o geral; nesta theoria parte-se, em arte, do geral para o particular, ao contrario de na sciencia, em que, com effeito e sem duvida, é do particular para o geral que se parte. E como sciencia e arte são, como é intuitivo e axiomático, actividades oppostas, oppostos devem ser os seus modos de manifestação, e mais provavelmente certa a theoria que dê esses modos como realmente oppostos que aquella que os dê como convergentes ou semelhantes.

ALVARO DE CAMPOS



**A**S GRAVURAS EM MADEIRA DE MILY POSSOZ.  
POR M. V.

A gravura em relevo sobre madeira é uma arte antiga. Foi em madeira, no buxo rijo, ou nas olorosas laranjeira e cerejeira, que primitivamente se gravou, e a primeira estampa datada que se conhece, a imagem de S. Christovam, é uma gravura de madeira.

Mais, porém, que de tradições tão vetustas, é do uso religioso, que d'esta arte fizeram os gravadores do seculo xv, que lhe advem como que uma segunda natureza que, sobrepondo-se ao *character* tecnico proprio do *processo*, d'outro modo, mais profundo, a distingue e singulariza. De leve graça bucolica, de lyrismo extasiado, de rusticidade e de humildade se compõe essa segunda natureza, ou, antes, esse *espírito* omnipresente das gravuras de madeira. E chega a parecer prodigioso que da historia das suas mais remotas applicações, como da linhagem directamente christã dos artistas quatrocentistas, seja um resumo perfeito toda e qualquer estampa, desde então até hoje.

Ora como fosse desejavel que tal perpetuidade de expressão florisse num symbolo, esse symbolo, extranho como todos os symbolos, mas, como todos elles tambem, luminoso e edificante, existe e consubstancia-se nas *caracteristicas figuras* de um baralho de *cartas*.

Em verdade, tendo sido, com as imagens e representações sacras, das primei-

ras applicações da gravura em madeira; tendo supportado depois, desde a sua mysteriosa origem, successivas epochas e *estyllos* de arte — as *cartas de jogar* mantem intacta, nos seus traços geraes, a physiognomia primitiva, do mesmo modo, e em egual medida, que o *talhe* inconfundivel, particular á sua proveniencia artistica. Dir-se-hia que as *figuras* supremamente symbolicas, que são os *reis*, as *damas* e os *valetes*, quando mesmo reproduzidas por outros *meios* de expressão, isto é, por uma *technica* diversa, não *esquecem* nunca que *deveriam* ser gravuras de madeira. Como exemplo de atavismo artistico, o constituido pelas *cartas de jogar* é typico, se não unico.

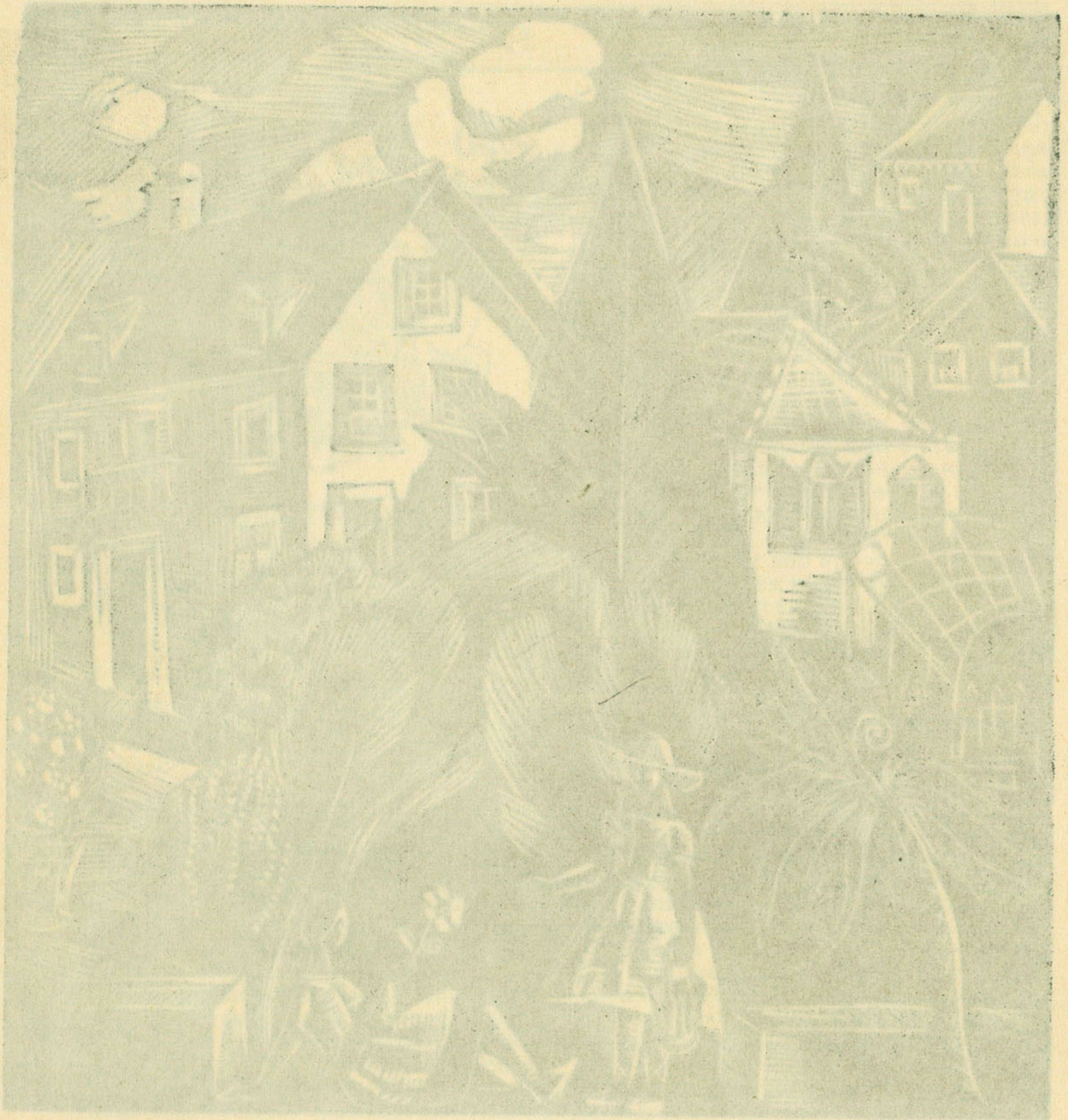
Por que obscuros designios estes instrumentos de tentação e de azar haveriam de nascer sob apparencias tão singelas e graciosas, que como se desprende d'ellas um encanto paradisiaco? Para além do que de terrivel e sobrenatural reside sempre em todos os idolos, e, d'um modo geral, em tudo que é objecto de fé, por certo devemos suppor as *cartas de jogar* innocentes de todo o maleficio. Entre ellas e a fatalidade, nada mais — se bem que nada menos — deve existir, que a correspondencia que reina entre a Igreja e o peccado: a missão e o poder de a definir. Porque, no campo esthetico, não saberia negar-se o estreito parentesco entre estas figuras e a face primitiva dos Santos; somente, se estes mudaram em suas feições, conservaram a d'ellas a mesma rusticidade antiga.

Sente-se nas *cartas*, como em toda a arte que ellas symbolizam, um *christianismo* innato, todo interior, com profundas raizes populares. Por isso, talvez, o mal, sobretudo o mal imaginoso e inventivo, não saberia encontrar a sua expressão na plena claridade d'uma gravura de madeira. Para tudo o que de engenhoso sabe crear o peccado se descobriu a gravura metallica, e, mais particularmente, a *agua-forte* que, com os seus effeitos magicos de *claro-escuro*, o seu *manchado*, a delicadeza e *acidez* dos seus traços, o *mordido* das suas *chapas*, forma como que a tenebrosa alchimia da arte, destinada e propria a exprimir o que é doente e o que é morbido. Foi o engenheiro de Alberto Dürer e de Raimondi, e, principalmente, mais tarde, as *aguas-fortes* de Rembrandt, que trouxeram á belleza



ATHENA — Gravura em madeira

por MILY POSSOZ



THE MARKET PLACE, LONDON. (A. J. V. 1850.)

The Market Place, London, is a scene of constant activity and commerce. It is a place where the needs of the city are met, and where the lives of the people are intertwined. The buildings, with their many windows and doors, are a testament to the city's history and its enduring spirit. The figures in the foreground, some carrying goods, are a reminder of the daily struggles and triumphs of the common man. The overall atmosphere is one of a bustling, historical city street.



ATHENA — Gravura em madeira

por MILY POSSOZ





ATHENA -- Gravura em madeira

por MILY POSSOZ ;







ATHENA - Gravura em madeira

por MILY POSSOZ



artística da gravura o seu elemento malfico, que provem — quem sabe? — em grande parte, d'aquillo que de venenoso existia nos seus materiaes. Assim, entre o *espírito* esthetico d'uma gravura de madeira e o de uma *agua-forte* subsiste a differença radical que separa as proprias *materias primas*; e essa differença se conhece, até na triste decrepitude da madeira e do cobre: para uma, o *carunchinho*; mas para o outro — ai d'elle! — o *azebre*.

\*

Como explicar a voga, neste tempo essencialmente metallico que vivemos, d'uma arte assim humilde, quasi silvestre, profundamente christã? E nem haja o receio de se confundir o *processo* com a arte, isto é, com o *estyllo*. Neste caso, um quasi se substitue ao outro. E o que é certo é que, mesmo forçada nas suas possibilidades de expressão, e desfigurada no seu *character* de rusticidade primitiva, a arte da gravura em madeira, só por virtude e effeito da sua *technica* especial, reage contra todos os ineptos ultrages com que modernamente a pretendem attingir, desviando-a da sua verdadeira finalidade. Em muitas das innumeras gravuras, que hoje se *commettem* em França, observa-se este successo portentoso: *assumptos*, os mais rasteiros ou licenciosos, assumirem, pela acção exclusiva do *processo*, aspectos lyricos, e, senão religiosos, libertos, pelo menos, de toda a intenção peccaminosa. Não será este, de resto, o mesmo milagre de arte e de castidade que se dá com o *estyllo* ornamental das cathedraes gothicas, consentindo, em sua textura e composição, figuras monstruosamente lubricas e scenas obscenas, sem que por isso em nada seja diminuida a altura da sua expressão religiosa? O que no primeiro caso é devido á pureza do proprio *processo*, não será, precisamente, o que, no segundo, se deve ao poder de estylização?

Comtudo, muito seria para desejar que a gravura em madeira, sendo, de facto, uma arte exilada no nosso tempo, apenas a cultivassem artistas raros, cuja inspiração igualmente fosse excepcional e de exílio. Para esses, só, ella seria como que a linguagem propria e nativa.

Eu não sei, mas presumo que assim deveria ter sido bem facil e natural a

Mily Possoz dedicar-se a gravar em madeira. Em verdade, que outro meio de expressão mais propicio á sua arte, ao mesmo tempo, simples e singular? Na sua pintura, em que se sente alguma coisa de muito infantil e primitivo, como que havia já a promessa ou a previsão d'estas admiraveis gravuras, absolutamente sem par, entre nós. Ella trouxe para a nova modalidade do seu engenho, com o seu *modernismo*, todo pessoal, a mesma concepção ingenua e graciosa do mundo visivel, a mesma claridade de visão, simultaneamente expressa em traço e em côr, que já conheciamos dos seus quadros e dos seus desenhos.

Sómente, é esta a saborosa linguagem que melhor serve á *sua verdade* sonhada; este o logar, onde mais á vontade cabe a sua *mystica* pueril de creança. Dir-se-hia que o *espírito* que atraz tentei definir como sendo o da gravura em madeira, era já, assim, o proprio genio de toda a arte de Mily Possoz. E se certos dos seus desenhos, pela sua grande pureza, ficarão, sem duvida, como desenhos classicos do nosso tempo; algumas d'estas gravuras, como, por exemplo, o adoravel *trecho* de Cintra, que aqui se reproduz, cheio de claridade e de côr — são, em tudo e por tudo, gravuras de madeira completas e modelares.

A sua arte moça de gravador, lavada de *patines*, purificada de bolôres, dá-nos das estampas antigas isto que é precioso e quasi unico: uma lembrança sem saudade.

## EX-LIBRIS. POR CARDOSO MARTHA

Uma das monomanias do seculo é a das collecções.

Que coisa não é susceptivel de colleccionar-se? Nada ha que o não seja, por mais extravagante que pareça — desde as moedas e livros raros, desde os quadros de mestre e o fragil e precioso *bibelot*, até os cachimbos e os botões multiformes, as pennas de escrever e as caixas de phosphoros, os ovos de passaro e as cintas auri-rubras dos cha-



*Ex-libris de Luiz José de Vasconcellos*

rutos. A rainha Margarida da Italia colligia artigos de sapataria usados pelos collegas e com equal prazer recebia as sandalias d'um *xeque* da Arabia e os extravagantes sapatos dum Filho-do-Ceu. Recordo-me ainda de haver lido ha tempo que um ratão, não sei se inglez, mas decerto muito original, se desfadava ajuntando uma estrambotica collecção... de pontas de cigarros e charutos, cuspidos dos labios de personagens celebres. E citavam-se nomes de notabilidades que já nella figuravam e os preços por que haviam sido adquiridos. Emfim, o *collecionismo* é hoje uma authentica vesania contagiosa, a que raros logram eximir-se.

Ha, como se vê, collecções uteis e collecções de bagatelas sem nenhum valor. Todas teem em Portugal os seus apaixonados, alguns até ao delírio, capazes de jejuar trez dias a pão e agua só para coalharem uns escudos que lhes tragam a posse do objecto appetecido. Entre as primeiras, é das mais proveitosas sob o ponto de vista documental e das mais artisticamente notaveis a dos *ex-libris*.

\*

Mau grado a diffusão que hoje-em-dia vai tendo entre nós, ainda esta expressão — *ex-libris* — fará arrugar o sobrôlho a mais de trez quartos dos lusíadas que tiverem a pachorra de me ler. O termo nada tem de exquisito: são duas palavras latinas que significam — *dos livros*, ou melhor, *pertence aos livros*.

Quanto ao objecto que tal termo traduz, defini-lo-hei — «a marca ou signal de posse d'um livro». O *ex-libris*, ou mais portuguezmente, o *pertence*, é um ramo subsidiario da sciencia do livro, e um não menos importante districto da arte applicada.

Muita gente simplifica cingindo-se a manuscreever o seu nome no rosto ou anterosto dos volumes. Antigamente essa declaração de propriedade se reduzia á rubrica do dono, quer só, quer acompanhando datas, versos, preços de compra e, mais raramente, divisas. Quem ha ahi que,

folheando os compendios da petizada das escholas, não tenha por lá topado com frequencia versos da ingenuidade d'estes:

Livro meu muito amado,  
Thesouro do meu saber,  
Folgarei de te encontrar  
Se alguma vez te perder...

ou então

.....  
Se algum dia te perder  
E não te tornar a achar  
E alguém te fôr encontrar  
Ao inferno irá parar  
Se te não fôr entregar  
a F....

Com o andar do tempo, porém, foi-se adoptando o uso de imprimir nas pastas da encadernação um brasão de armas, desenho de phantasia, iniciaes ou simples legenda com o nome do possuidor. Encontram-se exemplares admiráveis nas sumptuosas encadernações dos seculos 16.º, 17.º e 18.º, cujas pastas e lombos, pela solidez do material, profusão dos oiros e artístico dos ferros, são indisputáveis primores no genero. *Ex libris* impressos em pequenos quadrados de papel, tambem se collavam nas mesmas pastas, interior e, mais raro, exteriormente.

Quando começou a espalhar-se o uso do *pertence* collado? Não está ainda bem liquido. Pela sua origem, talvez nos seja licito adscrever-o á Allemanha quatrocentista. Hoje, porém, o costume de empregar essas vinhetas está generalizado e só Portugal, onde o culto do livro tem uma minoria de sacerdotes, é dos raros paizes onde esse costume não é geral.

O mais antigo *ex-libris* portuguez conhecido é o de Luiz de Vasconcellos e Azevedo (começos do seculo 17.º), gravado — e por ventura desenhado — por Clemente Bilingue.

Tem o *ex-libris* a vantagem de nos indicar qual o gosto litterario do bibliophilo que o usa; elucida-nos sobre o criterio que presidiu á escolha dos seus companheiros espirituaes; serve de subsidio ao investigador, ao heraldista e ao historiador; incita ao amor pelos livros; e muito especialmente representa na arte contemporanea um ramo digno de attenção e de estudo. Como eram outr'ora admiradas e tidas em grande conta as figurinhas de Tanagra, ondulosas e gráceis, ou as peças de cerâmica e pedras gravadas, obras primas do genio hellenico, assim agora as marcas bibliographicas são apre-

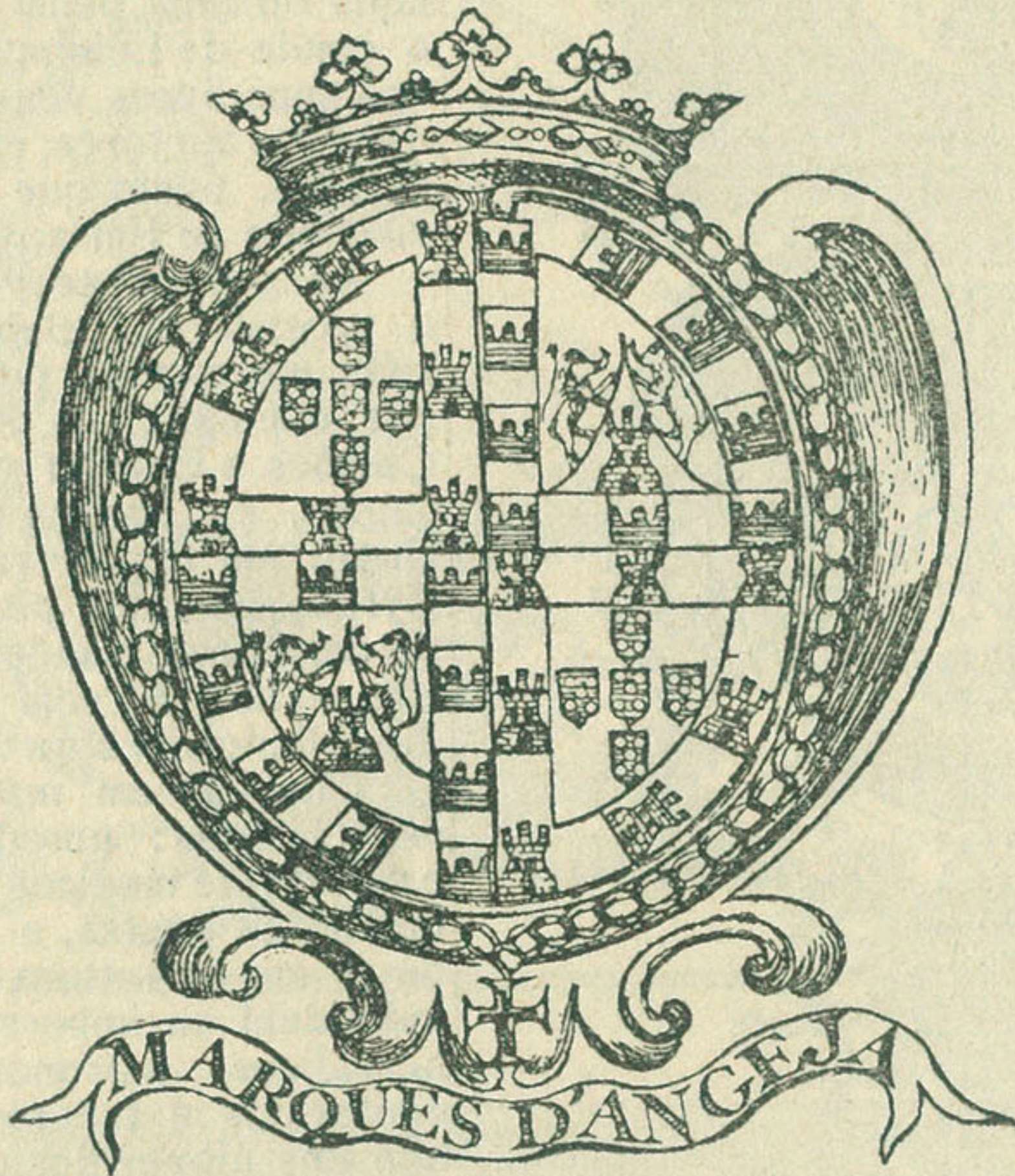
ciadas e cuidadosamente seriadas, porque representam por igual uma pequenina obra de arte.

Os primeiros artistas do lapis e do buril deixaram seus nomes a subscrever algumas destas exiguas composições. Um dos mais famosos *pertences* da série portugueza, tão notavel pela pureza da gravura como pela simplicidade e encanto do desenho, é devido ao lapis genial de Sequeira, interpretado por outro grande artista — o gravador Bartolozzi.

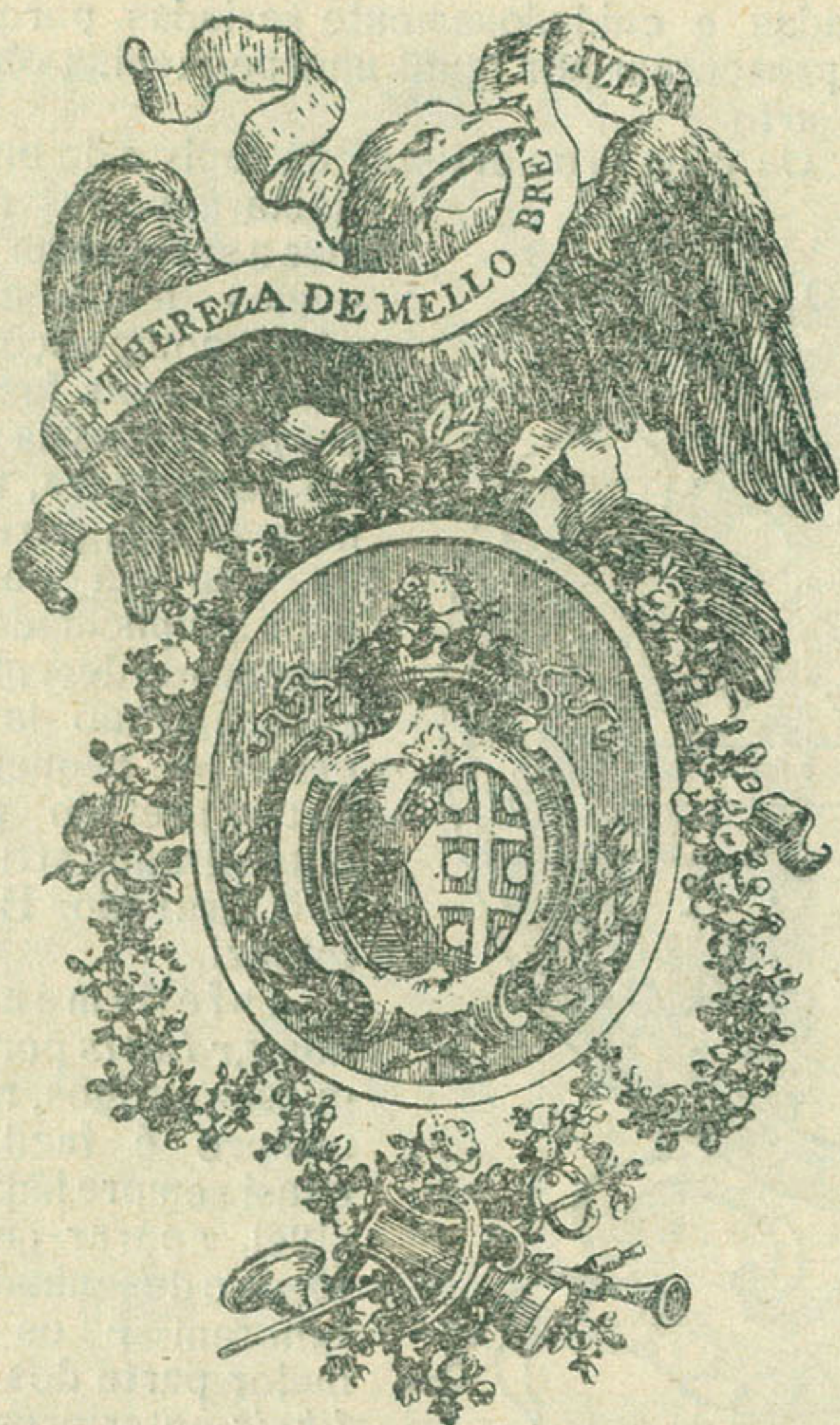
Infelizmente, nos *ex-libris* portugueses antigos, nem sempre é facil, e quasi sempre impossivel, apurar quem fôsse o desenhador. Ignoram-se os da maior parte dos *ex-libris* anteriores ao século 19.º. A que punho magistral de-

vemos adscrever os do Conde de Oeiras, Aragão Trigoso, D. Theresa de Mello Breyner, Casa da Annunciada, D. Francisco de Almeida, Condes da Feira, de Obidos e de S. Vicente e outros muitos anonymos, tão notaveis pela pureza do desenho e correcção da gravura?

Por seu lado a heraldica, sciencia subsidiaria da genealogia, historia e archeologia, tem no *ex-libris* representação vastissima, sendo até um brasão armoriado, em grande numero de casos, o seu unico assumpto. Vêem a par uma fauna e uma flora simbólicas estylisadas, os motos, lemmas e sentenças moraes, cavalleirescas e de nobreza, allegorias, debuxos de phantasia e até versos e trechos de escriptores e de poetas celebrados. Alguns figuram um grande vulto historico ou patriotico e até o próprio bibliophilo; n'outros levanta-se magestoso e arrogante, com suas torres creneladas e pontes levadiças, o velho solar fortificado ou a mansão senhorial dos antepassados; n'outros ainda, assumpto mais consentaneo



*Ex-libris* do Marquez de Angeja



*Ex-libris* de D. Thereza de Mello Breyner

com a natureza do *pertence*, enfilam-se diante dos olhos do observador as estantes apoiadas duma bibliotheca.

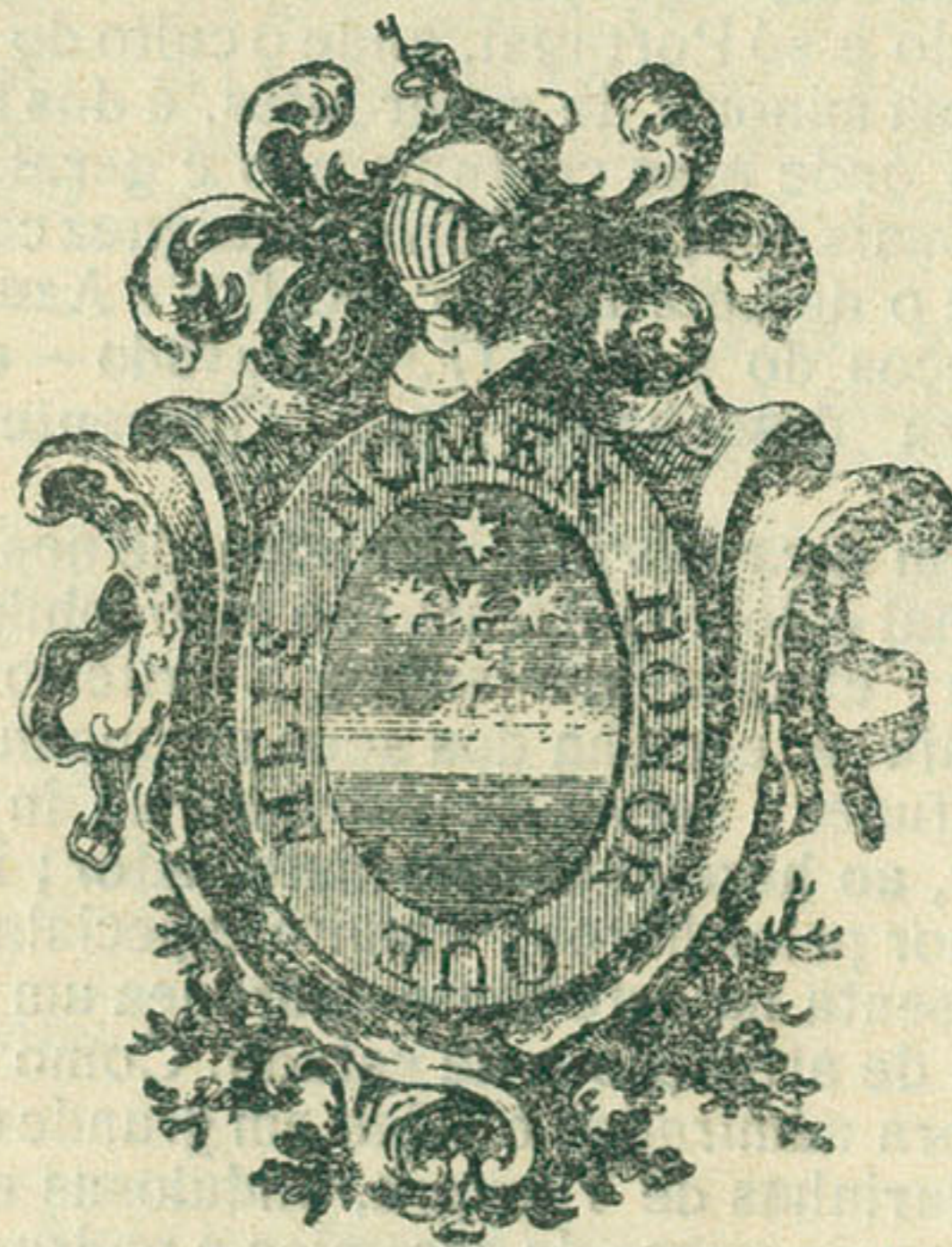
Depois, o campo é largo, de horizontes amplos, e presta-se ás mais atrevidas interpretações do talento pinturesco. N'este ponto, no *ex-libris* moderno, quanta variedade! E' a arte-nova, com os seus delineados exóticos; o impressionismo, de interpretações ousadas; os primitivos, documentando inconscientemente nos seus processos ingenuos um caso de atavismo na arte; e até as novas escolas secessionista e futurista trouxeram já ao *ex-libris* as suas concepções avançadas e rebeldes, os seus combates e as suas esperanças nebulosas e sonhos desorientados. E' toda uma felicíssima e creadora revolução artistica, com seu lugar imprescindivelmente marcado na chronica do engenho humano.

O estímulo da rivalidade e do interesse pessoal impellem a mão do artista a maravilhas. Muitos bibliophilos cometem o desenho do seu *pertence* a varios individuos,

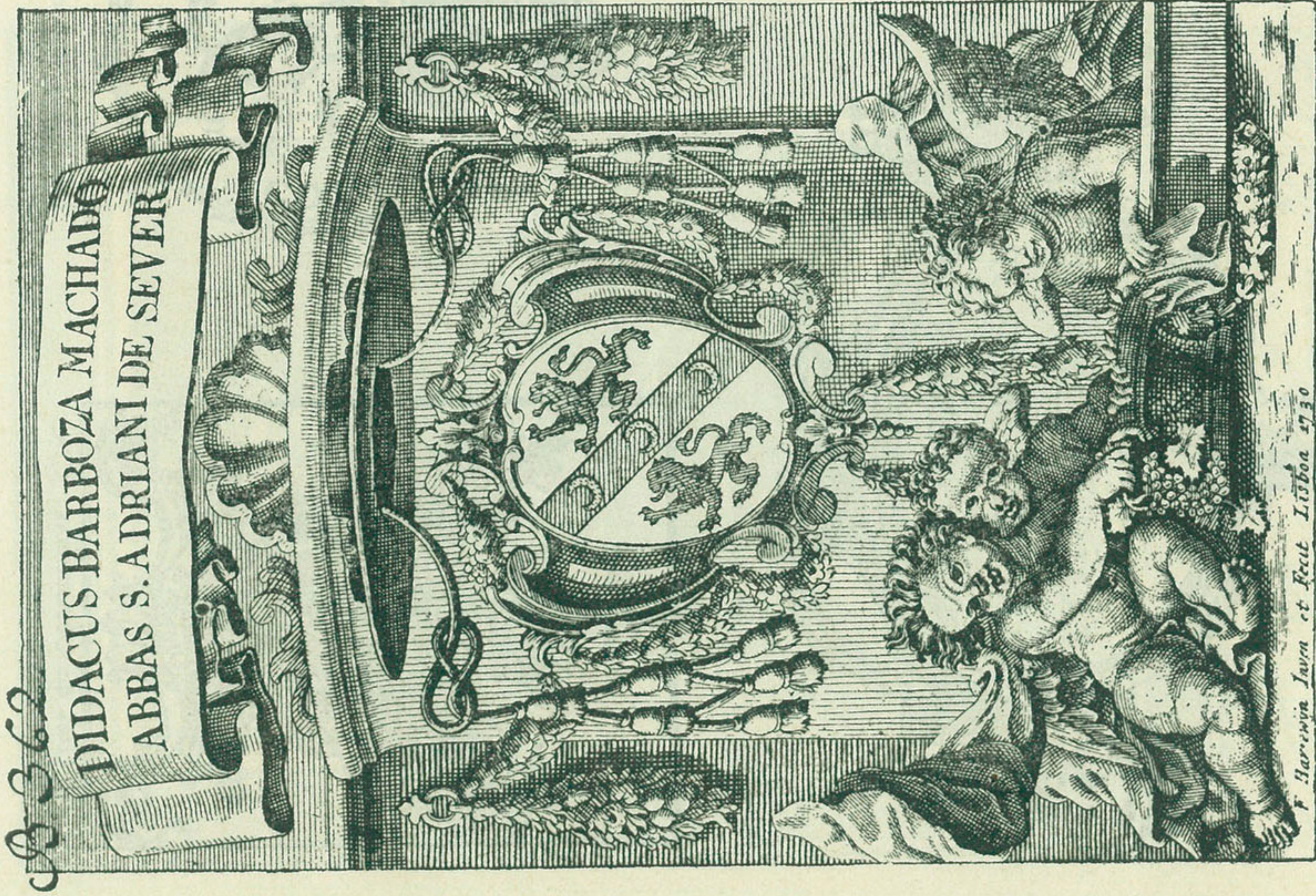
cada qual esforçando-se por superar, na medida do seu possível, o trabalho dos collegas. E' então um verdadeiro duello, mas duello pacifico e fructuoso, onde só a phantasia floreira uma arma inoffensiva — um lapis ou uma pena. Na Alemanha, por ex., o conde de Leiningen-Westerburg collava nos seus livros vinte ou trinta *pertences* de diversos auctores; em Portugal segue-lhe as pizadas, posto que mais modestamente, o visconde de Faria, que tem oito ou dez.

As colleções especiaes da obra de poetas e prosadores celebres, teem ás vezes as suas marcas de posse privativas. Assim, por exemplo, em Portugal para Luiz de Camões e Garrett, em Hespanha para Cervantes, em França para Racine, Moliere e Hugo, em Inglaterra para Shakespeare e Byron, em Italia para Dante e Petrarca, os amadores mandaram executar bellissimas estampas, com motivos quasi sempre descollados da obra ou da vida do escriptor.

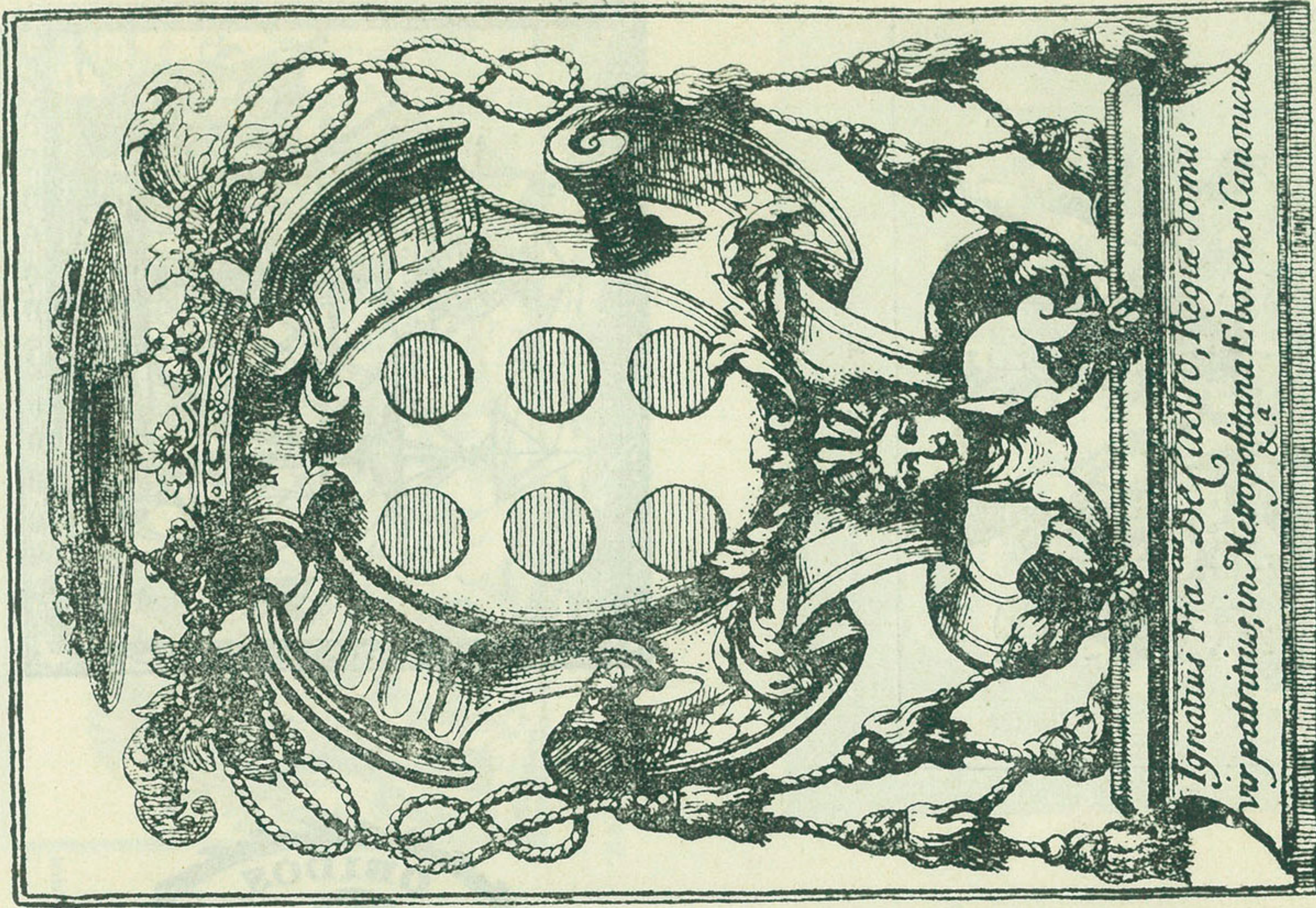
Tambem em materia da *ex-libris* ha especialistas: uns dedicam-se a debuxar *ex-libris* de medicos e homens de sciencia, outros de poetas, e de artistas plasticos; ha-os em caricatura, cheios de humorismo individual ou impessoal; ha-os historicos, heraldicos, astronomicos, geographicos, zoologicos e botanicos... E assim, constam dos albums dos grandes collectores de *ex-libris* series notaveis de cada uma destas especialidades.



*Ex-libris* de J. F. da Cruz Alagoa

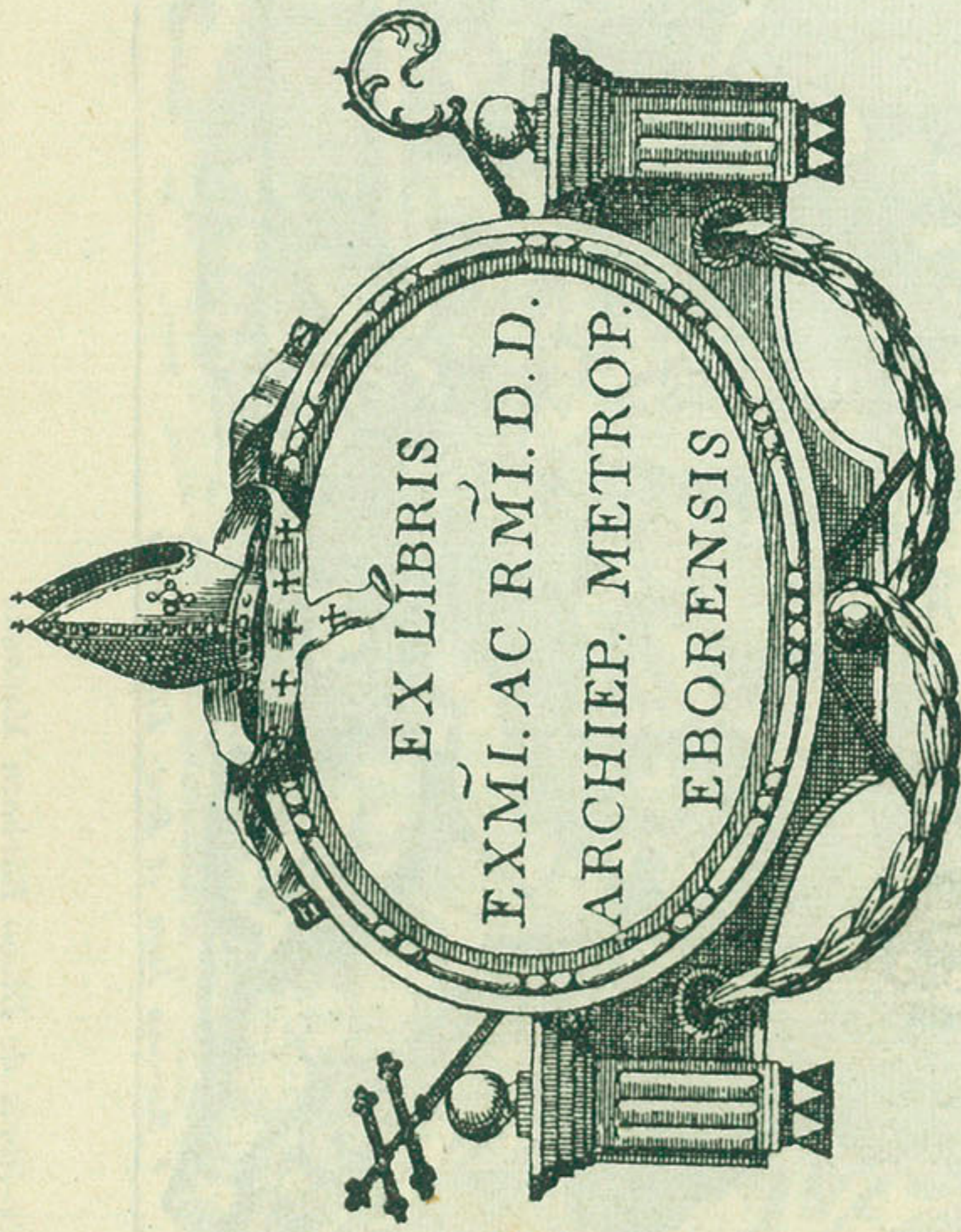


Ex-libris de Diogo Barboza Machado  
Des. e grav. Harrewyn

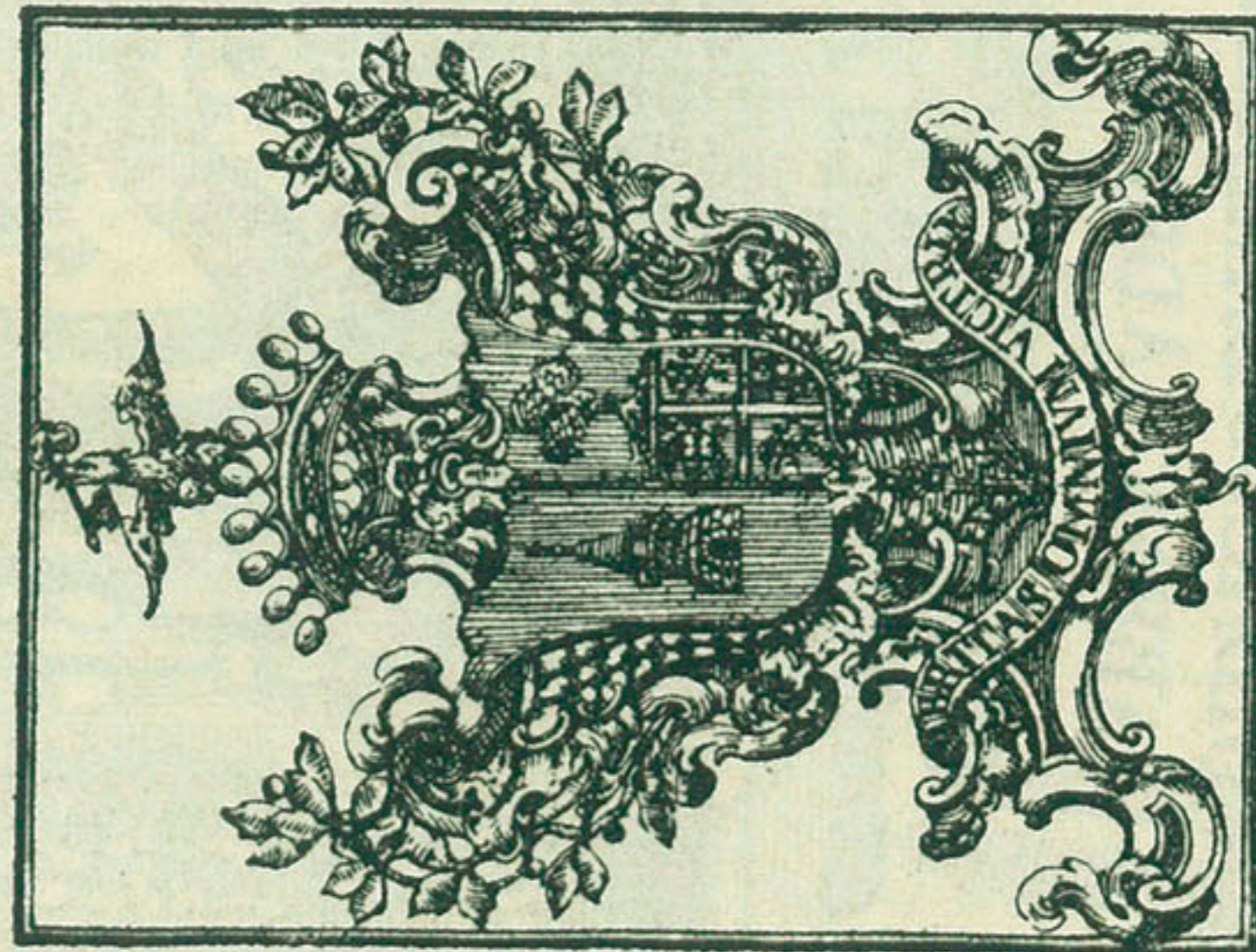


Ex-libris de Ignacio Francisco de Castro, Conego da Sé d'Evora  
Grav. Bouteux (1731)





Ex-libris do Arcebispo d'Evora

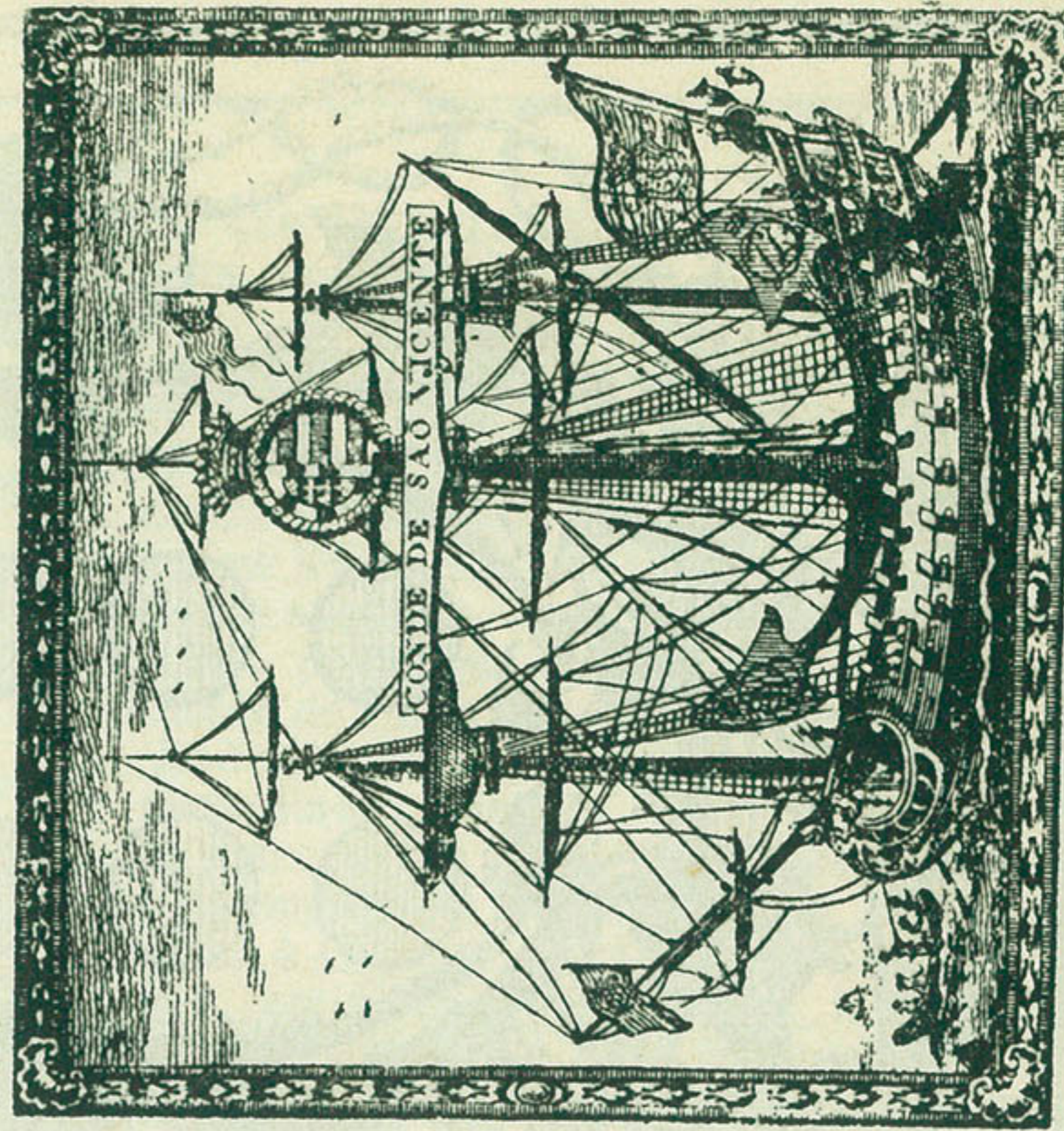


Da Casa da Annuciada

Ex-libris da Casa da Annuciada



Ex-libris de Francisco de Almeida e Mendonça



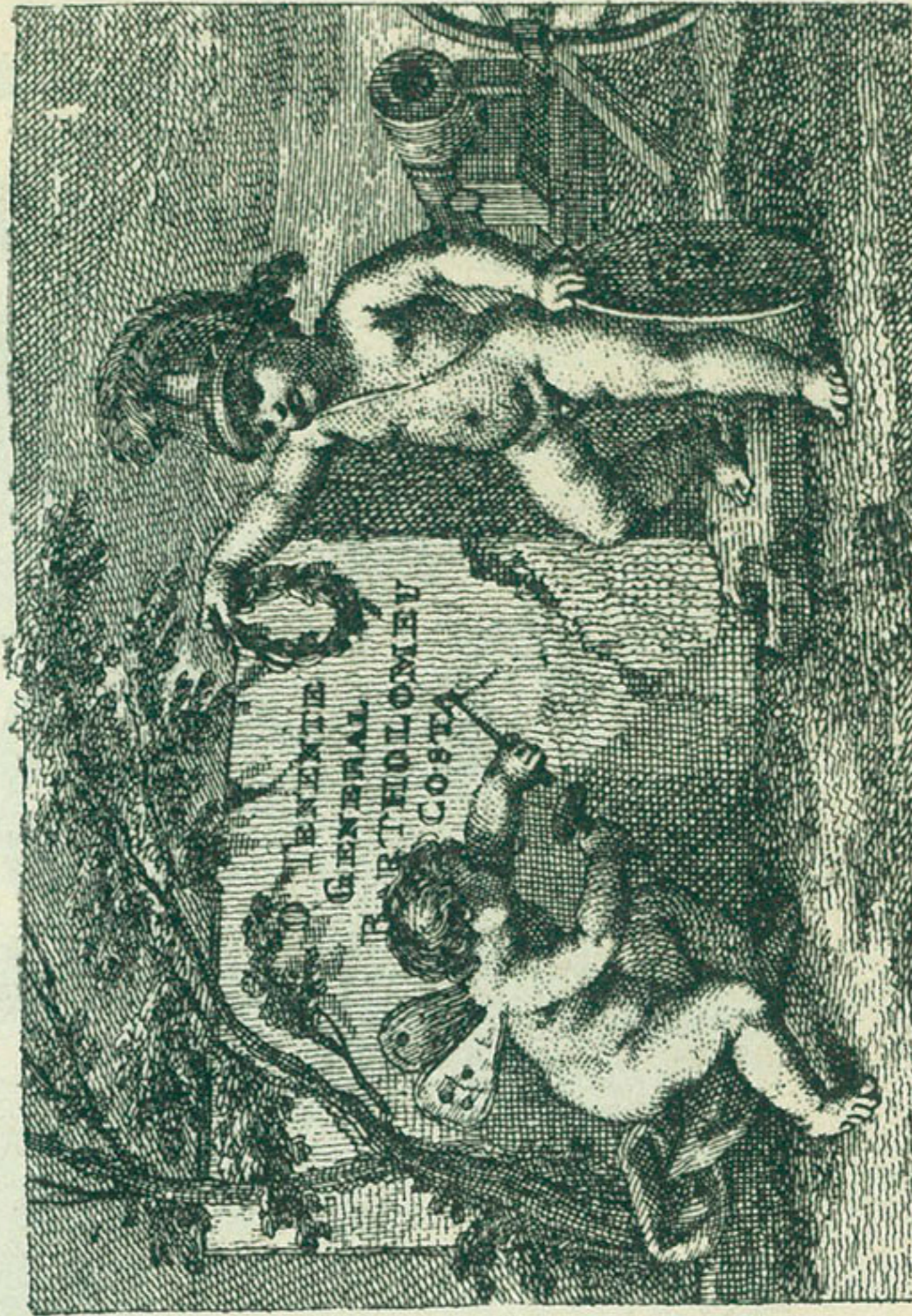
Ex-libris do Conde de São Vicente



Ex-libris do Conde de Obidos

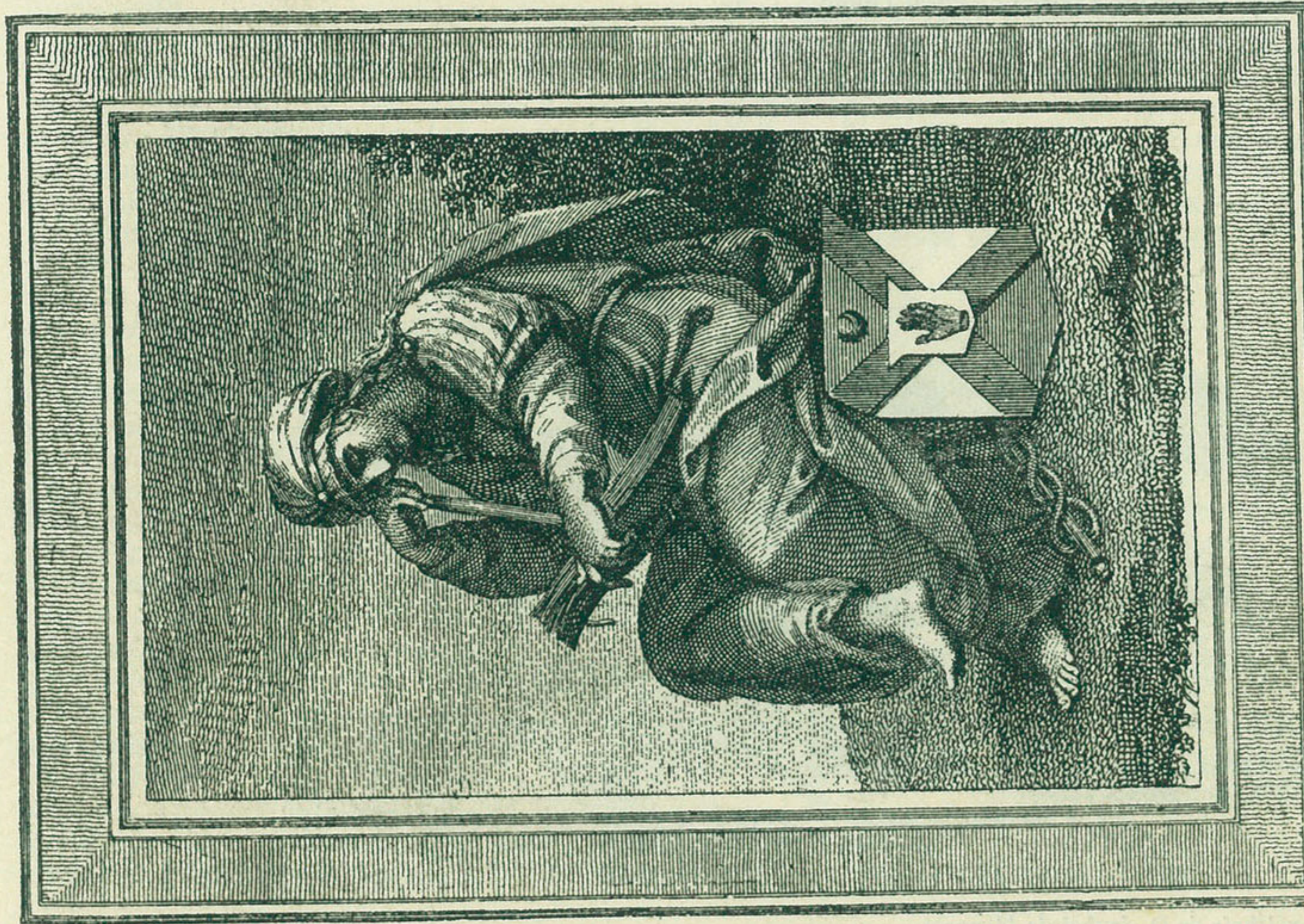


Ex-libris do Conde de Oeiras



F. Barthelemy: R.A. Paris, 1791.

Ex-libris do Tenente-general Bartholomeu da Costa

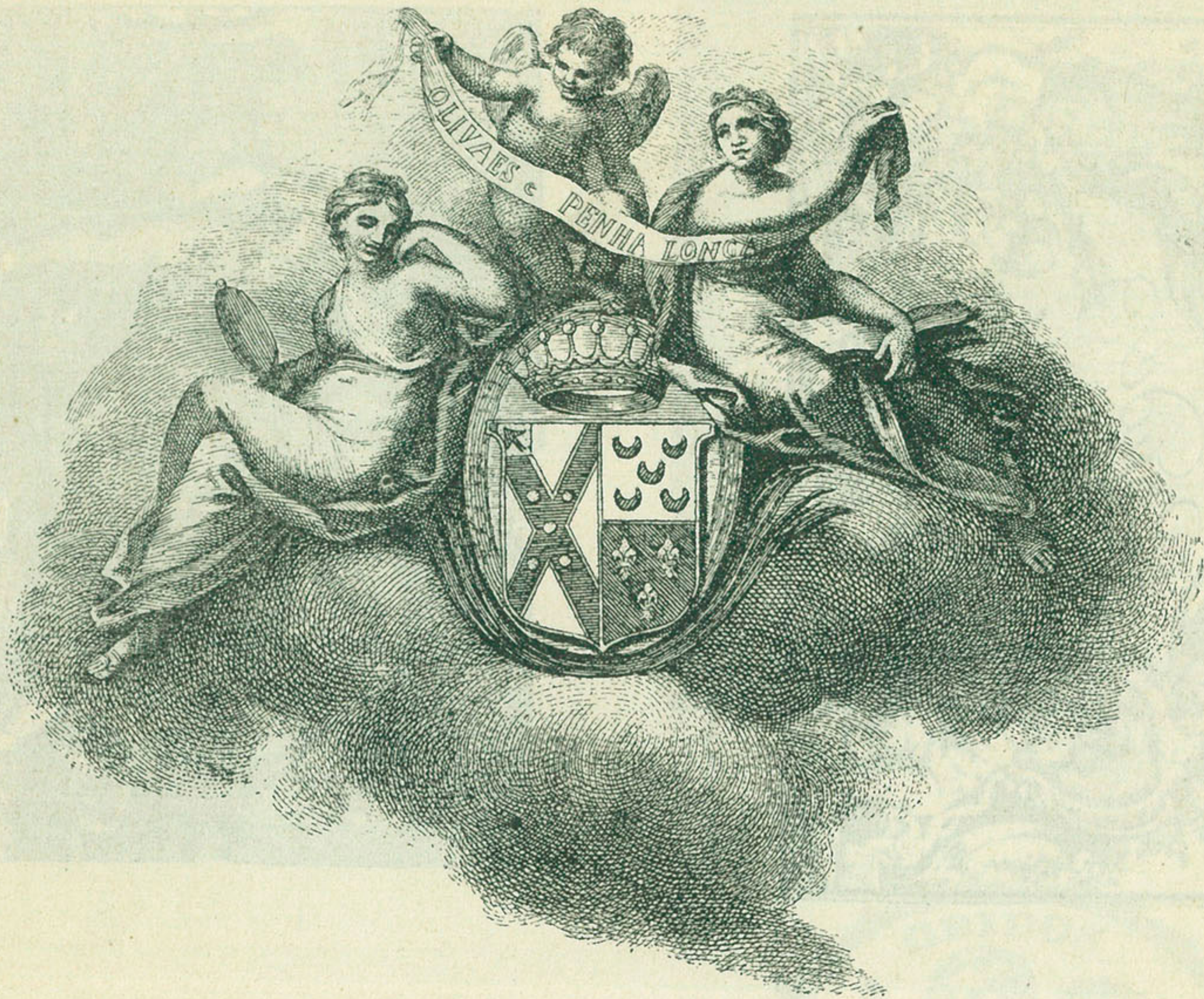


Drawn by Swanara.

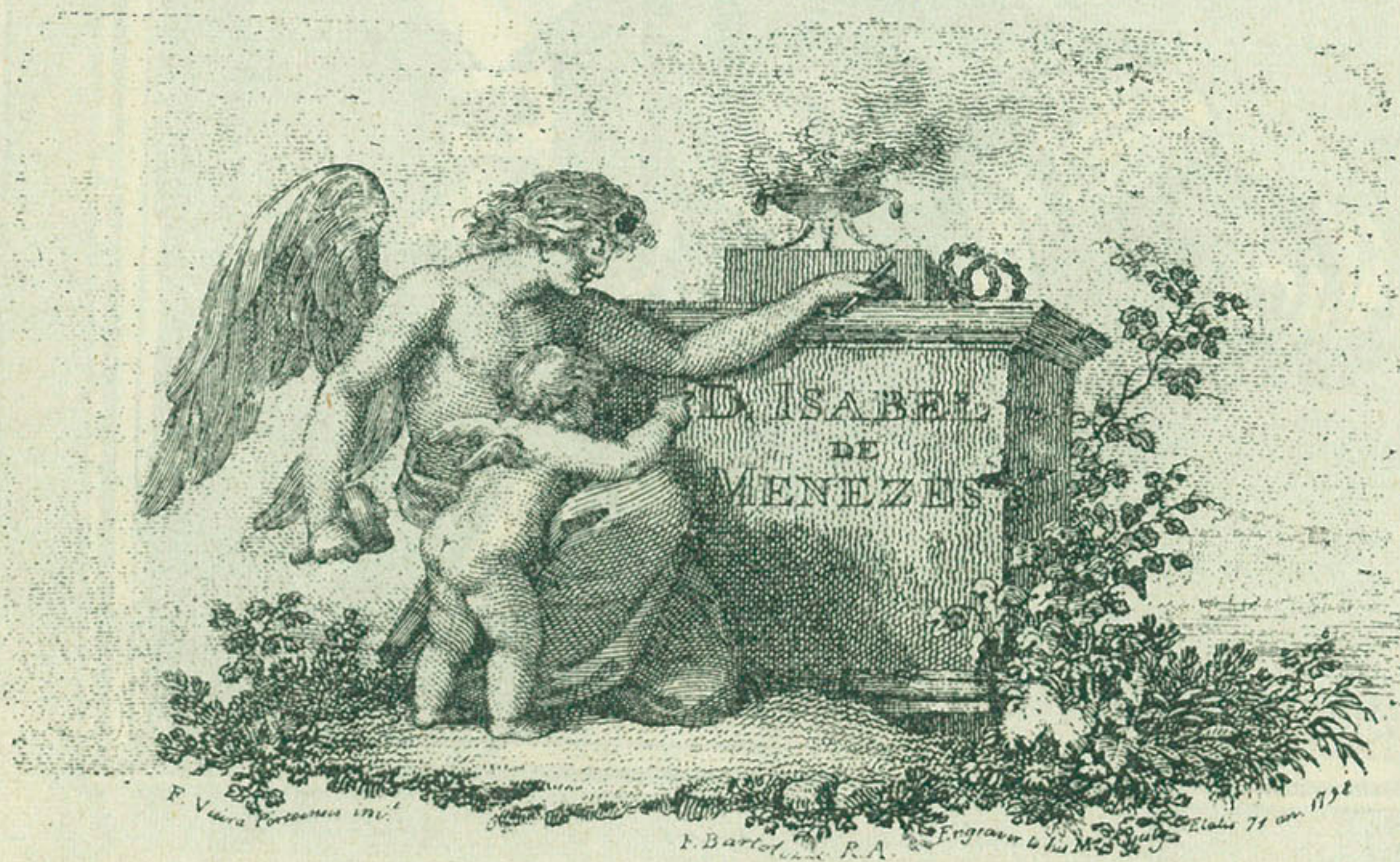
Engraved by Bartolozzi. Lisbon. 1805

Sir Thomas Gage Bart Hengrave Hall, Suffolk

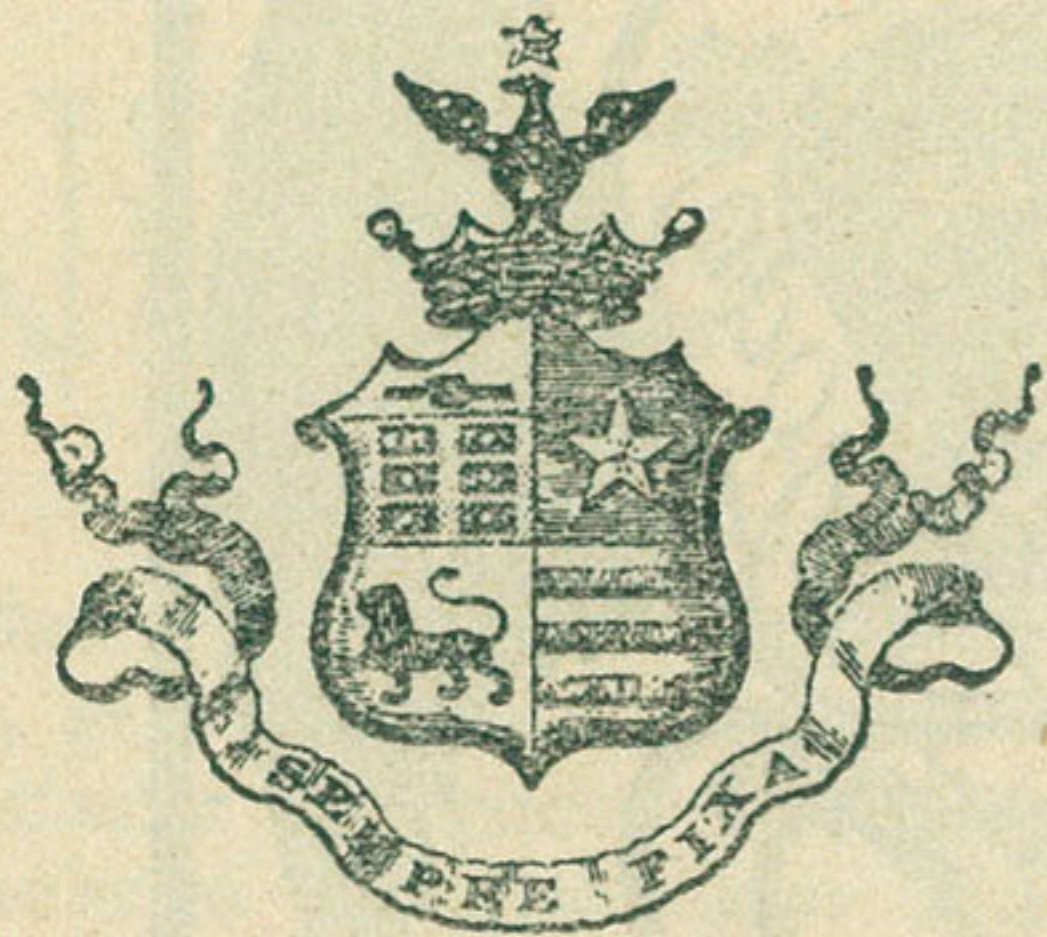
Ex-libris de Sir Thomas Gage  
Grav. Bartolozzi



*Ex-libris do Conde dos Olivaes e Penha Longa*



*Ex-libris de D. Isabel de Menezes*  
 Des. Vieira Portuense. Grav. Bartolozzi (1798)



## De Almeida Garrett.

*Ex-libris de Garrett*

Nem toda a marca bibliographica porém, é artistica ou ornamental. Ha centenaes dellas, sobretudo as pertencentes a colectividades, que consistem, ou numa simples tira de papel levando impresso o nome ou iniciais do possuidor, ou num prosaico e sujo carimbo, desprovido de qualquer motivo artistico. N'este caso o *ex-libris* carece de qualquer outro valor que não seja o de documento.

No estrangeiro, ha muito que o *ex-libris* tem a sua cotação mercantil. Os leilões são concorridissimos, imprimindo se d'alguns luxuosos catalogos illustrados, pagando-se as peças raras que apparecem em almoeda a preços excepçionaes. Com a extraordinaria voga alcançada, os colleccionadores, no intuito de fazer propaganda e de facilitar as mutuas relações, fundam sociedades, organisam exposições, imprimem jornais e revistas *ex-libristicas*. Podem ser apontadas como modelos no genero a *Société Française de Collectionneurs d'Ex-Libris et de Reliures Historiques*, de Paris, e a «*Ex-libris*» *Vereins Gesellschaft*, de Berlim, cada uma com o seu orgão official. E assim em Hespanha, em Italia, em Inglaterra, onde ha artistas reputadissimos de um e outro sexos, que se dedicam ao desenho de *ex libris*. Vastissima é tambem a bibliographia *ex-libristica*, contando-se por milhares os livros, folhetos e revistas que d'eles se occupam.

Entre nós, como já disse, o *ex-libris* tem ainda poucos adeptos. O proprio termo anda por ahi indevidamente applicado, pois devendo empregar-se apenas para as mar-

cas de *posse* ou *pertença* colladas aos livros duma bibliotheca, — vêmos a cada passo baptisadas de *ex-libris* as marcas expressamente debuxadas para timbrar papel, para uso dum auctor na sua obra, e até para divisa de sociedades commerciaes ! O que prova a ignorancia, até em pessoas cultas, do que seja e para que serve o *ex-libris*.

A bibliographia do *ex-libris* é pequena entre nós. A primeira recensão das marcas bibliographicas portuguezas deve-se a Martinho da Fonseca, que a publicou em 1902 no *Almanach Féris*. Joaquim de Araujo, o distinctissimo poeta e publicista ha annos fallecido em Lisboa, publicou em Genova quando lá vivia como consul de Portugal o *Archivo de Ex-libris Portuguezes* publicação notabilissima pela valiosa documentação que encerra. Não menos notaveis são os volumes *Ex-libris ornamentaes portuguezes*, do insigne bibliographo Annibal Fernandes Thomaz, meu fallecido conterraneo e amigo e *Super-libros portuguezes* do Conde de Castro e Solla, que tambem fundou e redigiu durante alguns tempos a *Revista de ex-libris portuguezes*, actualmente dirigida com a maior competencia pelo meu amigo o distincto academico Henrique Ferreira Lima. Não pelo que vale, mas como peça bibliographica apenas, citarei, émfim, uma pequena brochura minha — *Desenhadores portuguezes de «ex libris»* — h' muito esgotada, de que por esforço do meu amigo e intelligente livreiro antiquario sr. José dos Santos vae em breve sahir a segunda edição, illustrada.



*Ex-libris do Conde de Maфра*